

PATRÍCIA KLUNCK

**ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS
SEM MOTIVAÇÃO APARENTE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, pelo Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração de Linguística Aplicada.

Orientadora: Dr. Leda Bisol

Porto Alegre
2007

PATRÍCIA KLUNCK

**ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS
SEM MOTIVAÇÃO APARENTE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, pelo Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração de Linguística Aplicada.

Aprovada em ___ de _____ de 2007.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Dr. Leda Bisol - PUCRS

Dedico este estudo ao presente que me foi
enviado durante o Mestrado: meu filho,
Henrique, a minha mais perfeita obra.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Leda Bisol, por ter acompanhado atenciosamente esta pesquisa, pela compreensão, paciência, constante disponibilidade, além das sugestões e esclarecimentos valiosos.

À Profa. Cláudia Regina Brescancini, pelo apoio inestimável, compreensão, incentivo e pelos ensinamentos sobre o Programa VARBRUL.

Ao VARSUL/PUCRS, por ter disponibilizado o material bibliográfico e as entrevistas necessárias para a realização deste estudo.

À Profa. Regina Lamprecht, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, pela generosidade e grandeza de coração.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, com os quais muito aprendemos.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelas muitas solicitações atendidas.

Ao CNPq, pela bolsa concedida.

Aos colegas de Mestrado pelo estímulo incansável e, sobretudo, pelas palavras amigas numa fase difícil.

A Gabriel Mossmann, por estar sempre ao meu lado, pelo carinho, imenso apoio, encorajamento e por compreender os momentos em que precisei estar ausente.

À Lisiane, que carinhosamente me substituiu em parte dos deveres maternos.

Aos meus pais, sempre solidários.

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre o alçamento de vogais médias pretônicas em palavras cujo contexto não apresenta nenhum fator que determine por si só alterações de traços vocálicos. Foram desconsideradas palavras com contexto de harmonização vocálica, de elevação quase categórica como a vogal /e/ inicial, seguida de /S/ e /N/, assim como vogais em seqüência que podem formar ditongo ou hiato. Portanto, o estudo deteve-se em palavras do tipo *boneca, tomate, pedestre*. As ocorrências foram estudadas sob a perspectiva da Teoria da Variação, modelo laboviano. O estudo foi realizado com dados do português falado na cidade de Porto Alegre, amostra que faz parte do Banco VARSUL, propriamente Projeto VARSUL, o qual tem por objetivo a descrição do português falado no Sul do País. Os resultados da análise mostraram que a variação nesse contexto ocorre escassamente e que atinge mais a vogal /o/ do que /e/. Tudo indica que se trata de uma variação lexical e não de uma variação neogramática, pois ocorre com mais facilidade em palavras aparentadas, como *cunversa, cunversava, cunversando; chuvendo, chuveu, chuver*, do que em palavras isoladas em que se mostra timidamente.

ABSTRACT

The present work is a study about the lifting of medium pretonic vowels in words whose context presents no factor that determines by itself alterations of vocal lines. Words with context of vocal harmonization, of almost categorical elevation as the initial vowel /e/, followed by /S/ and /N/, as well as vowels in sequence that form diphthong or hiatus were inconsiderate. Therefore, the study focused words like *boneca*, *tomate*, *pedestre*. The occurrences were studied under the perspective of the Theory of the Variation, labovian model. The study was carried out with facts about the Portuguese spoken in the city of Porto Alegre, with a sample that is part of the Bank VARSUL, properly Project VARSUL, which has for objective the description of the Portuguese spoken in the south of the country. The analysis results showed that the variation rarely occurs in such context and it reaches the vowel /o/ more than /e/, being probably a matter of a lexical variation and not of a neogrammatical variation, because it commonly occurs in related words, like *cunversa*, *cunversava*, *cunversando*; *chuvendo*, *chuveu*, *chuver*, and it is very subtle in isolated words.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sistema Vocálico do Português – Tônicas	17
Figura 2 - Sistema Vocálico do Português – Átonas	17
Figura 3 - Representação da palatal nasal a partir da Geometria de Traços	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Realização das pretônicas no Português Brasileiro	18
Quadro 2 - Distribuição dos informantes por célula considerando três faixas etárias	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Contexto Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Seguinte.....	57
Tabela 2 - Contexto Fonológico Seguinte	61
Tabela 3 - Contexto Fonológico Precedente	66
Tabela 4 - Altura da Vogal da Silaba Seguinte	68
Tabela 5 - Altura da Vogal da Sílabas Precedente	69
Tabela 6 - Distância da Tônica	70
Tabela 7 - Tipo de Sílabas	71
Tabela 8 - Nasalidade	72
Tabela 9 - Gênero	74
Tabela 10 - Grau de Escolaridade	76
Tabela 11 - Aplicação	77

LISTA DE OCORRÊNCIAS

Ocorrências 1 - Grupos de palavras que alçaram – Vogal /o/	85
Ocorrências 2 - Palavras isoladas que alçaram – Vogal /o/	87
Ocorrências 3 - Grupos de palavras que alçaram - Vogal /e/	88
Ocorrências 4 - Palavras isoladas que alçaram – Vogal /e/	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	15
2.1 DO PORTUGUÊS ANTIGO AO PORTUGUÊS BRASILEIRO MODERNO	15
2.2 ESTUDOS ACERCA DA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	19
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	24
3.1 ORIGENS DA TEORIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	24
3.2 A TEORIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	27
3.3 ESTUDOS DE LABOV	30
3.4 REGRA VARIÁVEL	33
4 METODOLOGIA	37
4.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA	37
4.1.1 Projeto VARSUL	37
4.1.2 Constituição da amostra desta pesquisa	40
4.1.2.1 A comunidade de fala	41
4.2. MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS	44
4.2.1 Coleta e codificação dos dados	44
4.2.2 Os programas do Pacote VARBRUL	45
4.2.2.1 Digitação dos dados	46
4.2.2.2 Realização das rodadas	46
4.3 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS	48
4.3.1 Variável dependente	49
4.3.2. Variáveis independentes	49
4.3.2.1 Variáveis lingüísticas	49
4.3.2.1.1 Distância da tônica	49
4.3.2.1.2 Tipo de sílaba	50
4.3.2.1.3 Altura da vogal da sílaba seguinte	50
4.3.2.1.4 Altura da vogal da sílaba precedente	51
4.3.2.1.5 Posição da pretônica em questão	51
4.3.2.1.6 Contexto fonológico precedente	52

4.3.2.1.7 Contexto fonológico seguinte	52
4.3.2.1.8 Nasalidade	53
4.3.2.2 Variáveis extralingüísticas.....	53
4.3.2.2.1 Gênero	53
4.3.2.2.2 Faixa etária	54
4.3.2.2.3 Grau de escolaridade	54
5 RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO	56
5.1 SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS	56
5.1.1 Questão de Ortogonalidade	56
5.1.1.1 Primeira rodada	58
5.1.1.2 Segunda rodada	59
5.2 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	60
5.2.1 Variáveis lingüísticas	60
5.2.1.1. Contexto fonológico seguinte	60
5.2.1.2 Contexto fonológico precedente	65
5.2.1.3 Altura da vogal da sílaba seguinte	68
5.2.1.4 Altura da vogal da sílaba precedente	69
5.2.1.5 Distância da tônica	70
5.2.1.6 Tipo de sílaba	71
5.2.1.7 Nasalidade	72
5.2.2 Variáveis extralingüísticas	74
5.2.2.1 Gênero	74
5.2.2.2 Grau de escolaridade	75
6 CONSIDERAÇÕES À LUZ DA DIFUSÃO LEXICAL	78
6.1 AS PROPOSTAS NEOGRAMÁTICA E DIFUSIONISTA	78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A- Lista de palavras que constituíram o <i>corpus</i>.....	96

1 INTRODUÇÃO

A pauta pretônica do português é a que tem recebido mais atenção dos estudiosos, pois é o domínio da neutralização que converte o sistema de sete vogais da tônica em cinco vogais e, também é o domínio da harmonização vocálica, tão decantada em descrições do português.

O alçamento das vogais médias pretônicas, ou seja, a elevação da altura da língua, é um fenômeno que caracteriza diferenças dialetais, seja pelo uso maior ou menor do que se denomina harmonização vocálica, presente em todas as variedades do português, seja pelo uso maior ou menor de regra de abaixamento que ocorre em alguns dialetos.

Essas vogais já foram objeto de estudo de diversos trabalhos, especialmente, a neutralização e a harmonização vocálica. Dentre eles, poderíamos citar Bisol (1981), Silva (1989), Battisti (1993), Viegas (1987), Oliveira (1991), Schwindt (1995), Casagrande (2003). Porém, a variação na pretônica não motivada pela presença de uma vogal alta, objeto desta pesquisa, ainda não foi estudada separadamente, justificando-se, assim, a relevância deste trabalho. Acreditamos que trará especial contribuição para projetos que descrevem o Português Brasileiro.

A amostra considerada na análise é parte do banco de dados do projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul) que se refere ao português falado no Sul do País, mais especificamente à cidade de Porto Alegre. A teoria que embasa essa pesquisa é a Teoria da Variação Lingüística na perspectiva de William Labov (1969).

A hipótese que tínhamos ao iniciar a pesquisa era de que a elevação da pretônica sem motivação aparente, deveria ocorrer moderadamente no dialeto gaúcho, diferentemente do que ocorre em outras variedades do Português Brasileiro. Ao encerrarmos este estudo, constatamos que isso é um fato real.

O trabalho está dividido em sete capítulos: o presente capítulo expõe o problema para análise, a sua justificativa, os objetivos e a hipótese geral, bem como a exposição da divisão de cada capítulo.

No segundo capítulo, apresentamos uma breve revisão do sistema vocálico da língua, bem como dos estudos realizados acerca da variação na pretônica no Português Brasileiro.

No terceiro capítulo, são apresentados os pressupostos básicos da Teoria da Variação Lingüística na perspectiva de William Labov. No quarto capítulo apresentamos detalhadamente a metodologia empregada no desenvolvimento do trabalho, desde a constituição da amostra até o delineamento das variáveis lingüísticas e sociais utilizadas na classificação dos dados.

No quinto capítulo descrevemos e interpretamos os resultados obtidos. Finalmente, no sexto capítulo discutimos os resultados com base na proposta da Difusão Lexical. Seguem-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

2.1 DO PORTUGUÊS ANTIGO AO PORTUGUÊS BRASILEIRO MODERNO¹

A variação do traço de altura das vogais médias é um fenômeno bastante antigo no português e já era relatado por Fernão de Oliveira (1975 [1536]):

Das vogais, entre **u** e **o** pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns sorrir e outros surrir e dormir ou durmir e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto entre **i** e **e** pequeno, como memória ou memórea, glória ou glórea. (Oliveira, F.de (1975 [1536]): 64).

Como indica a citação acima, os textos medievais portugueses referem o comportamento variável das vogais médias pretônicas assim como as gramáticas e listas ortográficas do século XVI ao início do século XVIII, nas quais era censurada a pronúncia de /o/ e /e/ pretônicos como [u] e [i], que tendia à generalização em muitos dialetos portugueses. Todavia, é possível relacionar esse fato a uma tendência bem mais antiga na língua, pois desde o latim vulgar as vogais átonas tendiam para o fechamento: *fugere*>*fogir*>*fugir*, *muliere*>*molher*>*mulher*, *virtute*>*vertude*>*virtude*, *carpeteiro*>*carpinteiro*.

Mas, ao que a maioria dos testemunhos indica, essa nova tendência era de natureza popular e contra ela argumentava a erudição. O gramático lisboeta D. Jerônimo Contador de Argote² documentou que, em Lisboa, no início do século XVIII, o /e/ medial era pronunciado pelas pessoas que “falavam bem” como /e/ fechado, *pe*daço, e que em certos lugares do Algarve essa vogal era pronunciada como [i], *pi*daço, assim como *dizer* era pronunciado *de*zer. Dessas três situações de pronúncia do /e/ e do /i/ no século XVIII, como *pe*daço, *pi*daço e *de*zer, respeitando as palavras do autor, seria possível situar a primeira numa alternância

¹ O Português Brasileiro é, também, designado, neste trabalho, PB.

² Em comentário do gramático brasileiro, Filipe de Sá, citado por SILVA NETO (1986, p. 608).

relacionada a estratos sociais, e a segunda e a terceira numa alternância relacionada a dialetos regionais.

Fernão de Oliveira, Caetano de Lima, João de Barros, Monte Carmelo e Feijó, ortógrafos citados por Silva (1989, p.45-9), dão notícia direta ou indiretamente da ocorrência dessas vogais confirmando a variação *e/ε* e *o/ɔ* no português antigo. Numa síntese das informações deixadas por esses ortógrafos e gramáticos, mais exatamente por João de Barros (1540) estudado por Teyssier (1966), Feijó (1739) e Monte Carmelo (1767), Silva (1989) conclui que no século XVI era freqüente a ocorrência das pretônicas abertas, principalmente /ε/ decorrentes de crases antigas ou fonologicamente motivadas em função da presença de certas consoantes ou morfológicamente motivadas quando mantinham a qualidade da tônica primitiva na tônica secundária de palavra derivada.. A motivação fonológica bem como a motivação morfológica, a que se refere Silva, são ainda hoje consideradas como variáveis para a verificação de comportamento aparentemente assistemático das vogais médias pretônicas.

A respeito da pronúncia moderna das vogais médias pretônicas no Brasil, Câmara Jr.(1977) observa, de um ponto de vista estruturalista, que é no contexto pretônico que se verificam os processos de neutralização das médias e de harmonia vocálica, uma regra de assimilação regressiva que atinge tais vogais em função de uma vogal subsequente. Além desses dois processos, a pretônica também apresenta casos de elevação sem motivação aparente, como se vê em Bisol (1981) entre outros.

A autora observa o uso menos freqüente de alçamento das vogais médias pretônicas em contextos isentos de vogal alta: *bolacha~bulacha*, *governo~guverno*, *boneca~buneca*, objeto de estudo da presente pesquisa.

De acordo com Câmara Jr. (1999, p 43), as vogais do PB podem ser dispostas em um sistema triangular em cujo vértice inferior se encontra a vogal mais baixa. Dessa forma a elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, fornece a classificação articulatória da vogal baixa /a/, das vogais médias de primeiro grau /ε , ɔ/, das vogais médias de segundo grau /e,o/ e das vogais altas /i,u/. Essas sete vogais são plenamente realizadas em posição tônica. A Figura 1, a seguir, apresenta as disposições dessas vogais no sistema triangular.

	Não-arredondadas		Arredondadas	
Altas	/i/			/u/
Médias	/e/		/o/	2º grau
Médias	/ɛ/		/ɔ/	1º grau
Baixa		/a/		
	Posteriores	Central	Anteriores	

Figura 1: Sistema Vocálico do Português – Tônicas
 Fonte: CÂMARA JR., 1999, p.44

Nas posições átonas, continua Câmara Jr., não se mantém esse mesmo sistema de sete vogais devido ao processo de neutralização, que é a perda do traço que distingue dois fonemas. O sistema de sete vogais pretônicas do PB (/i,u,e,ɛ,o,ɔ,a/) fica reduzido a cinco (/i,u,e,o,a/), como mostra a Figura 2.

	Não-arredondadas		Arredondadas	
Altas	/i/			/u/
Médias	/e/		/o/	2º grau
Baixa		/a/		
	Posteriores	Central	Anteriores	

Figura 2: Sistema Vocálico do Português – Átonas
 Fonte: CÂMARA JR., 1999, p.44.

Tal supressão foi assim interpretada: em posição pretônica neutralizam-se as médias de 1º e 2º graus /ɛ/ e /ɔ/, conservando-se as médias de 2º grau /e/ e /o/, como em caf[ɛ] – caf[e]teria, b[ɛ]lo – b[e]leza, s[ɔ]l – s[o]lço. Vale ressaltar que a descrição de Câmara Jr. tem por base o dialeto carioca.

No entanto, no Brasil, como um todo, o quadro das pretônicas não é fixo, pois a depender da região geográfica, a média é neutralizada a favor de /ɛ/ e /ɔ/ ou a favor de /e/ e /o/.

Cardoso (1999) para reforçar a idéia de que existem diferenças regionais no que diz respeito às pretônicas brasileiras, compila um grande número de trabalhos que abordam esse assunto, nas mais diversas localidades do Brasil (Amazonas, Pará, Acre, Ceará, Natal, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul). Ao fim, apresenta um quadro simplificado da tendência geral da realização das vogais pretônicas /e/ e /o/ no PB, que permite visualizá-las como uma linha demarcatória entre grupos de regiões, como pode ser visto no Quadro 1.

Região	Estados	Vogais baixas	Vogais médias
NORTE	AMAZONAS	•	
	PARÁ	•	*
	ACRE	•	
NORDESTE	CEARÁ	•	
	R.G.DO NORTE	•	
	PARAÍBA	•	
	PERNAMBUCO	•	
	ALAGOAS	•	
	SERGIPE	•	
	BAHIA	•	
SUDESTE	MINAS GERAIS	•	*
	RIO DE JANEIRO		*
	SÃO PAULO		*
SUL	PARANÁ		*
	R.G. DO SUL		*
CENTRO-OESTE	M.G. DO SUL		*

Quadro 1 – Realização das pretônicas no PB³

³ Leia-se vogal baixa= média baixa /ɛ/ e /ɔ/
vogal média = média alta /e/ e /o/.

De acordo com este quadro, prevalece a vogal média aberta do Amazonas a Minas Gerais, havendo variação neste estado e no Pará, enquanto a média fechada se estende do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

Segundo Callou et al. (1995, p.61), as pesquisas sistemáticas sobre as pretônicas no Brasil tiveram início em 1979, com Jacyra Mota⁴, passando então de uma pauta fixa de idealização para o estudo da variabilidade. Nesses novos estudos, várias questões têm sido retomadas, tais como:

a especificação mais precisa dos ambientes de aplicação da regra com seu índice probabilístico, sua difusão através do léxico e de outros dialetos, estágio em que se encontra o processo de redução vocálica e sua expansão nas diferentes faixas etárias, classe social etc. (CALLOU et al, 1995, p.61).

Trata-se, então, não só de identificar os contrastes, neutralizações e processos ocorrentes, mas também de mensurar o percentual e a probabilidade de variação e de especificar os fatores que favorecem ou desfavorecem a aplicação da regra, já que existem variações em um mesmo dialeto e em uma mesma palavra.

O processo de alçamento é caracterizado pela modificação do traço [-alto] para [+alto] das vogais médias /e/ e /o/, que se realizam como vogais altas /i/ e /u/ ocorrendo variavelmente. Vários pesquisadores refletiram sobre os fatores que têm um papel nesse processo. Alguns desses estudos serão retomados a seguir para se ter uma idéia de como esse tema já foi abordado.

2.2 ESTUDOS ACERCA DA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Segundo Nascentes (1953), a pretônica constitui um marco fundamental na divisão dos dialetos geográficos brasileiros, por esta razão sua variação é tão exaustivamente pesquisada.

⁴ MOTTA, Jacyra. Vogais antes do acento em Ribeirópolis-SE. 2 v. Salvador: UFBA, 1979 (Dissertação de Mestrado).

Como mencionado anteriormente, vários estudos tem sido desenvolvidos a respeito das vogais médias pretônicas nas últimas décadas. Dentre esses, podemos citar alguns que a viram como uma variação em moldes neogramáticos – os quais defendem a idéia de que toda mudança sonora é foneticamente gradual e lexicalmente abrupta – como Bisol (1981), Silva (1989), Callou, Leite e Coutinho (1991), Schwindt (1995), entre outros, e alguns que a conceberam como um fenômeno puramente difusionista, como em Oliveira (1991), passando por análises intermediárias, como em Viegas (1987). Neste último caso, o rótulo se deve ao fato de a análise apresentar como ponto chave uma regra de natureza neogramática, seguida de comentários de natureza difusionista.

Bisol (1981), em sua tese de doutorado foi quem primeiro analisou quantitativa e qualitativamente a variação da pretônica no dialeto gaúcho. A amostra constitui-se de oito informantes de cada um dos grupos étnicos que compõem esse dialeto: monolíngües da zona de colonização açoriana (Porto alegre), bilíngües da zona de colonização alemã (Taquara), bilíngües da zona de colonização italiana (Veranópolis, mais especificamente Monte Bérico) e monolíngües da zona fronteira (de Santana do Livramento). Seus resultados levaram-na a constatar que a regra é usada de forma moderada no dialeto gaúcho, confirmando a predominância da realização fechada das vogais médias pretônicas.

As variáveis lingüísticas que se mostraram relevantes nesse estudo foram: a vogal alta da sílaba seguinte, a nasalidade, que foi favorável ao alçamento da média anterior /e/, mas desfavorável ao da média posterior /o/ (acendido ~ acindido, contido e mais raramente cuntido); as consoantes palatais, labiais e velares, cujos efeitos se apresentaram da seguinte forma: as palatais favorecem o alçamento de /e/ e /o/ na posição seguinte (melhor ~ milho, sonhar ~ sunhar), as labiais favorecem a elevação da média posterior /o/, principalmente em posição precedente (boneca ~ buneca, política ~ pulítica), e as velares favorecem a elevação da média anterior /e/ tanto em posição precedente quanto seguinte (querido ~ quirido, segunda ~ sigunda); outra variante relevante foi o caráter átono permanente da média pretônica no paradigma derivacional, que se mostrou favorável à elevação das médias (menino, meninice ~ mininu; formiga, formigueiro ~ furniga, furnigueiro); e a presença de sufixos, especialmente – inho, – zinho, – íssimo que funcionaram como inibidores da regra de harmonização vocálica (molinha, pezinho, bellissimo).

A análise de Bisol diferencia-se significativamente das que a seguiram por ter levado em conta todas as vogais médias em pauta pretônica, inclusive aquelas em que não havia vogal alta em sílaba subsequente, foco desta pesquisa.

Seguem os estudos de Bisol, os realizados por Battisti (1993), que, ao estudar a elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo, constatou que a vogal inicial /e/ seguida de /N/ e /S/ levanta quase de forma categórica, enquanto as demais, afora o contexto da harmonia vocálica, permanecem inalteráveis. Pode-se, pois, dizer que o exame da pauta pretônica, respeitante à harmonia vocálica, prescinde da restrição quanto à posição inicial ou medial da sílaba.

Schwindt (1995; 2002) também estudou a harmonização vocálica no dialeto gaúcho. Seus estudos se diferenciam dos primeiros por ter o autor levado em consideração somente as pretônicas seguidas de vogal alta. O autor constatou que a regra de harmonização vocálica apresentou um pequeno crescimento no dialeto gaúcho nas últimas duas décadas, contrariando todas as demais análises Bisol (1981), Viegas (1987), Battisti (1993) entre outros.

No entanto, outro importante trabalho sobre a harmonização vocálica no dialeto gaúcho realizado por Casagrande (2003) aponta para outra direção. A autora apresenta uma análise em tempo real na cidade de Porto Alegre, contrapondo dados de fala referentes a duas épocas distintas: final da década de 70 e final da década de 90. Os resultados dessa análise revelam que vem ocorrendo diminuição no uso da harmonização vocálica, o que lhe permite afirmar que há uma tendência de regresso se manifestando em uma regra que tem sido considerada estável.

Quanto à região Sudeste, estudos acerca do dialeto fluminense foram realizados por Callou et al (1991) que chegaram à conclusão de que se trata de um processo estável, não havendo qualquer indício de progressão da regra, mas sim de possível perda de produtividade. Anos mais tarde (2002), Callou, Moraes e Leite realizaram um trabalho que aborda o aspecto variável da regra através de um estudo em tempo aparente e real com base em dados do dialeto carioca levando os autores a conclusão de que no Rio de Janeiro, a regra não tende a se extinguir, mas, sim, a se manter estável, confirmando as predições de Bisol (1981).

No dialeto mineiro, Viegas (1987), ao estudar a regra em certos grupos de moradores diferenciados sócio-economicamente da região metropolitana de Belo Horizonte, demonstrou

que o alçamento da vogal média anterior diferencia-se daqueles encontrados para a vogal média posterior. A autora propõe uma regra de harmonização para os casos de elevação da pretônica /e/ e uma regra de assimilação dos traços consonantais adjacentes. O primeiro caso diz respeito ao que tradicionalmente vem sendo referido como harmonização vocálica e o segundo a palavras sem o contexto da vogal alta.

Outro trabalho em relação ao dialeto mineiro, foi realizado por Castro (1990) através de uma análise da norma culta de Juiz de Fora. Esse autor chegou à conclusão de que existem ambientes favorecedores atuando e existem exceções relacionadas ao comportamento diferenciado de alguns itens lexicais.

Oliveira (1991) também realiza uma importante discussão sobre o processo de mudança sonora, tomando o estudo de alçamento como base para suas argumentações. Como Viegas (1987), propõe regras para o alçamento e, ao mesmo tempo, coloca uma questão relacionada a esse fenômeno, Oliveira argumenta que esta posição é contraditória e propõe que toda mudança sonora se dê por difusão lexical e que os primeiros itens a se submeterem ao processo teriam os traços por ele especificados. Em sua tese de doutorado, Viegas (2001) dá continuidade à proposta de Oliveira defendendo que os itens lexicais nos quais ocorre o alçamento da pretônica são aqueles considerados socialmente menos prestigiados ou usados em situações de fala mais familiares do que os itens que não alçam. Dessa forma, propõe a autora que esse fenômeno deva ser compreendido como um processo lexicalmente gradual. Retomaremos essa questão em 6.1.

Em relação à região Centro-Oeste do Brasil, Bortoni e alii (1991) fazem um levantamento dos trabalhos que tratam do alçamento das vogais médias pretônicas e analisam a fala de moradores de Brasília em busca de melhor caracterização da pronúncia dos habitantes dessa cidade. Os autores apresentam em seu trabalho evidências a favor da interpretação neogramática do fenômeno estudado, como por exemplo, a regra de harmonização vocálica na elevação do /e/ e a influência analógica da morfologia derivacional na variação de ambas, mas inquietam o leitor, apresentando dados que aparentemente não são explicados pelo modelo neogramático.

Quanto à fala nordestina, um dos trabalhos mais importantes é o de Silva (1989). A pesquisadora constatou que as médias fechadas ocorrem apenas antes de vogais orais da mesma altura, sendo que as médias abertas podem ocorrer em todos os demais contextos.

Constatou também que há alternância entre /u/, /o/ e /ɔ/, em um mesmo vocábulo antes de vogal alta na sílaba seguinte, embora as médias abertas sejam as pretônicas predominantes na fala baiana. A ocorrência de médias fechadas antes de altas está restrita à fala culta, e se deve, segundo a autora, à interferência da fala sulista no falar baiano, de maior prestígio nos meios de irradiação cultural.

É de se notar que, até onde os estudos comentados podem apontar, a tese de Nascentes para os subfalares brasileiros tem se confirmado: no dialeto riograndense (do Sul do país): Bisol (1981), Battisti (1993), Schwindt (1995; 2002) e Casagrande (2003) demonstram a predominância de /e/ e /o/; e no dialeto de Salvador (Nordeste do país), Silva (1989) aponta para /ɛ/ e /ɔ/ como predominantes.

Com o intuito de desenvolver uma análise variacionista da pretônica semelhante às realizadas pelos referidos autores, mas fora do contexto da harmonização vocálica, faremos no próximo capítulo uma revisão da teoria variacionista de Labov.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Com o objetivo de refletir sobre o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala da Região Sul do Brasil, os dados serão analisados via metodologia variacionista de William Labov, conhecida como Teoria da Variação Lingüística.

Neste capítulo apresentaremos a linha teórica metodológica adotada. Em 3.1 mencionam-se os principais antecessores do modelo, o qual será apresentado em 3.2. Em 3.3 serão apresentados os principais estudos variacionistas realizados por Labov e em 3.4 será exposta a metodologia conhecida como análise de regra variável.

3.1 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: DA ORIGEM AO SÉCULO XX

A lingüística, basicamente, teve início, como ciência, com Ferdinand de Saussure (1916), que foi quem referenciou a língua como um sistema de valores que se opõem uns aos outros, numa relação de dependência mútua, isto é, num sistema em que os termos não se definem por si só, isoladamente, mas por uma relação de dependência recíproca. Assim, por exemplo, não é a palavra *casa* que, isoladamente, indica singular, mas a relação de dependência *casa-casas*. O valor de *casa*, nesse sistema, decorre da relação de dependência recíproca que mantém com *casas*.

Essa relação de oposição e dependência recíproca opera de forma pura, ou seja, os princípios estruturadores do sistema decorrem exclusivamente do campo lingüístico. A língua vem a ser, então, um produto autônomo da mente de cada falante de uma comunidade. Portanto, a lingüística seria uma ciência em busca do entendimento da língua do ponto de

vista de sua estrutura interna. Essa concepção imanentista que assume a linguagem verbal como objeto autônomo, definido por relações puramente lingüísticas, internas, sustenta o que se denomina de *estruturalismo*.

Foi com Antoin Meillet, lingüista francês, que, nos primeiros anos do século XX, a lingüística experimentou uma concepção mais sociológica. No entanto, essa perspectiva apontava apenas na direção sociológica da história das línguas, na qual toda mudança lingüística era, antes de tudo, uma mudança social em que as variações lingüísticas não passavam de conseqüências históricas.

Outra concepção lingüística, sustentada pelo estruturalismo, é a posição de outro lingüista francês, André Martinet, que defende o princípio de que se devem esgotar todas as considerações de ordem interna para, só então, dar atenção aos fatores externos. Mesmo assim, esses fatores externos a serem considerados são advindos do contato entre línguas, dialetos e usos diferentes. Nesse processo, a interação social está condicionada a fatores internos à língua e às configurações do próprio sistema estrutural. A história social e cultural dos falantes é, então, mera informação complementar.

Na metade do século XX, Noam Chomsky propôs a teorização que se conhece como Gramática Gerativo-transformacional, na qual reformula o conceito de Lingüística e atribui a ela um valor em que o objeto de estudo é a competência lingüística do falante-ouvinte ideal pertencente a uma comunidade ideal.

Para Chomsky, as crianças dispõem de um conhecimento inato que diz o que é uma língua humana possível e as orienta no processo de aquisição dessa língua. A lingüística tem a tarefa, então, de criar um modelo desse mecanismo inato, chamado tecnicamente de gramática universal. Nessa perspectiva, o fato central para os lingüistas é a aquisição da língua pelas crianças, as quais, expostas a poucos dados, num curto espaço de tempo passam a dominar todos os mecanismos estruturais básicos da língua de sua comunidade.

Bakhtin (1990, p.23), fez uma abordagem voltada ao uso e reflexão do signo lingüístico, atribuindo às palavras, e ao seu significante, um valor de relação social, uma vez que elas interagem com o contexto em que estão inseridas, ou seja, o autor parte do pressuposto de que as palavras não dizem sempre a mesma coisa.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1990, p.23).

Nessa perspectiva, segundo Faraco (1991, p. 41), a concepção de Bakhtin é a de que o real processo de mudança lingüística ocorre do social para o lingüístico: as relações sociais mudam, alterando a comunicação e a interação verbais, que, por sua vez, mudam os atos de fala.

Do ponto de vista lingüístico, cada autor, a seu tempo, faz uma análise das concepções históricas da lingüística e adota determinada postura em relação a sua realidade. A tônica do estruturalismo, apesar de muitos lingüistas reconhecerem a interdependência de língua e discurso, considera, pois, como objeto de estudo único da lingüística, a língua. Ou seja, tinha-se, como objeto da lingüística, o fato de cada língua estruturar, de forma particular, a visão do mundo de uma dada comunidade, sendo prejudicial à descrição qualquer tipo de interferência de outros sistemas.

A Gramática Gerativo-transformacional, formulada por Chomsky, ao inverso de Saussure, permite ao falante gerar um número infinito de orações que ele nunca usou antes e, ao mesmo tempo, ser capaz, igualmente, de entender orações para ele novas. Chomsky enfatiza, portanto, a criatividade.

Defender uma ou outra perspectiva, no entanto, não significa dissolver as especificidades do lingüista no social. Faraco (1991, p. 41) afirma que: "[...] reconhecer a língua como uma realidade essencialmente social que, correlacionada com a multifacetada experiência econômica, social e cultural dos falantes, apresenta-se, em qualquer situação, como uma realidade heterogênea, como um conjunto de diferentes variedades”.

Sob esse prisma, surge, então, a Sociolingüística, uma concepção alternativa às linhas estruturalista e gerativa, a qual se preocupa com o lugar da língua na sociedade e, em particular, com o contexto social da diversidade lingüística.

3.2 A TEORIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

A língua, ainda que entendida como uma propriedade do ser humano, é um fato social. E, como fato social entende-se um produto cultural coletivo, um objeto especial pertencente a determinado grupo social e *que a todos se impõe como uma pauta ou norma definida* (Câmara Jr., 1967, p.24), uma espécie de patrimônio com características socioculturais próprias. Isso leva-nos a admitir que, como todos os fatos sociais, também as línguas estão sujeitas a um número muito grande de mudanças, como a própria sociedade.

Toda sociedade evolui no tempo e no espaço, e a língua sempre tem acompanhado essa evolução, sob a ação dos mais diferentes agentes, encontrando-se em constante transformação, *como instituição dinâmica em movimento temporal incessante* (Câmara Jr., 1967, p.39). As alterações ocorrem tanto na perspectiva sincrônica como diacrônica. É exatamente nisso que está assentada a condição básica da multiplicidade de línguas existentes no mundo. Se, num determinado momento, esta ou aquela forma ou conjunto de formas lingüísticas é apenas uma variante ou um conjunto de variantes lingüísticas de determinada língua, com o tempo poderão passar a constituir formas de línguas distintas. Estas, por sua vez, terão outras variantes que, no rolar dos séculos, poderão dar origem a outras tantas novas línguas. E, assim, sucessivamente.

A variação, certamente, é um fato tão antigo quanto às próprias línguas. São numerosas as referências, ao longo da história das línguas, que confirmam sua existência entre os mais diferentes povos. No entanto, por muito tempo ela foi ignorada nos estudos lingüísticos.

De fato, a variação lingüística deve estar associada à natureza da própria língua, especialmente ao seu caráter social, numa inevitável inserção em seu próprio contexto social e processo histórico. Assim, a língua, em cada momento e situação, sempre tem refletido o ambiente social de seus usuários. Tem sido o grupo social quem impõe sua forma de falar a seus membros e deles exige o uso de acordo com a maioria e, o homem, normalmente, fala a língua de seu grupo. Daí, a condição mínima para o ser humano aprender uma determinada língua é estar inserido em um grupo social (Langacker, 1972, p. 20; Haegeman, 1991, p. 15; Chomsky, 1994, p. 23 e 36). Também se tem observado, em toda parte, que a língua costuma

acompanhar e refletir mudanças sociais, tanto neste ou naquele aspecto, como no seu todo, sobretudo nos grupos mais bem definidos e com características próprias.

As diferenças lingüísticas de um falante para outro e as diferenças de um grupo social para outro são nitidamente observadas. Porém, também se percebe que a escolha pode não ser sempre a mesma até quando se considera um único falante. No Português Brasileiro, por exemplo, é comum o mesmo indivíduo alternar produções como *p[e]pino e p[i]pino* ou *ho[mêj], ho[mĩ] e ho[mi]*.

Tais possibilidades de escolha podem coexistir de modo estável em uma língua até mesmo por séculos. Pode acontecer também que uma delas passe a ser claramente preferida pelos falantes, o que caracterizaria uma mudança em progresso, prolongada até o momento em que as formas preteridas desapareçam e somente a forma mais usada permaneça na língua ou dialeto. Quando esse estágio é atingido, diz-se que a mudança lingüística se completou e a regularidade é atingida. (Labov, 1972, 1980; Tarallo, 1986; Mollica, 1992).

A idéia de que a variabilidade é uma característica inerente a qualquer sistema lingüístico conduz naturalmente à busca por uma explicação para o fato de que o falante, ou grupos de falantes, efetuem uma determinada escolha e não outra.

Uma justificativa satisfatória para as escolhas realizadas pelos falantes começou a ser delineada com a sociolingüística laboviana, ou Teoria da Variação Lingüística. É nessa época (1960) que se iniciam os questionamentos, em termos empíricos e teóricos, sobre a sistematicidade do fenômeno da linguagem e sua relação com o fato social. A Teoria da Variação Lingüística ou Sociolingüística Quantitativa, como também é conhecida estuda as correlações sistemáticas entre formas lingüísticas variantes (diferentes formas de dizer a mesma coisa) e determinados fatos sociais, como a classe sócio-econômica, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes. Com isso, amplia-se o estudo da variação, acrescentando-se à dimensão geográfica a dimensão social como fator de diferenciação lingüística. A sociolingüística realiza em sua investigação uma correlação entre os aspectos do sistema lingüístico e aspectos do sistema social, focalizando a variação, entendida “como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada” (Mollica, 1994). Isto significa dizer que, do ponto de vista sociolingüístico, a heterogeneidade da língua é passível de sistematização e, portanto, previsível.

A partir dessa nova proposta, a língua passa a ser entendida como um sistema que possui regras variáveis e regras categóricas. Quando duas ou mais formas estão em concorrência em um mesmo contexto e a escolha depende de fatores internos ou externos ao sistema, tem-se uma regra variável. No entanto, nem todos os fatores da língua estão sujeitos à variação. Existem regras denominadas categóricas, que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar a comunicação ou até mesmo impossibilitá-la.

Para ser considerada variável, a regra deve registrar certo índice de frequência. Quer dizer, é preciso haver um número significativo de ocorrências, não-arbitrárias, para se afirmar que há variação. Nos modelos propostos por Labov (1972a), essa regra é reveladora, mas não necessariamente explicativa. Para descobrir as razões para os índices encontrados, o pesquisador deve valer-se de teorias lingüísticas existentes, seja na área da fonologia, da sintaxe ou da semântica.

A investigação deve buscar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticando as variáveis que contextualizam as variantes e descrevendo seu comportamento preditivo. As variantes, ou formas variantes, podem ser entendidas como equivalentes semânticos que co-ocorrem num dado estado de tempo na língua; as variáveis constituem parâmetros reguladores que condicionam positiva ou negativamente o emprego de formas variantes. Em caso de variação, as variantes podem manter-se estáveis no sistema durante um período ou até por séculos ou podem, em casos de mudança em processo, levar uma das formas variantes a prevalecer sobre a outra.

Dois eixos definem a variação: o eixo diatópico e o eixo diastrático. O primeiro define alternâncias regionais e os limites são físico-geográficos; o segundo define as alternâncias de acordo com os estratos sociais e os limites são sociais. Nessas duas perspectivas, horizontal e vertical, a variação é contínua, sem demarcações geográficas ou sociais exatas, a não ser que definidas em termos de tendências a empregos de certas formas as quais são motivadas por condicionamentos diversos. Mollica (1984) defende que esses fatores de condicionamento que concorrem para o emprego de formas variantes são em geral em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos sistemas lingüísticos.

Portanto, é possível identificar variáveis internas e externas à língua. As primeiras incluem os fatores fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais; e as segundas incluem os fatores inerentes ao indivíduo, como sexo, idade e etnia. Também têm

um papel os fatores sócio-geográficos, como região, escolaridade, nível de renda, profissão e classe social; e os fatores contextuais, como grau de formalidade e tensão discursiva.

A metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta segura e útil, com um aparato estatístico eficaz no estudo de qualquer fenômeno existente na língua vista como uma estrutura heterogênea e ordenada, através da influência ou não de fatores lingüísticos e extralingüísticos.

Considerando fundamental a contribuição de Labov para a Teoria da Variação, serão apresentados, a seguir, alguns de seus principais trabalhos.

3.3 ESTUDOS DE LABOV

A Sociolingüística Variacionista, como referido anteriormente, teve seu início como resposta às abordagens estruturalista e gerativa. Três trabalhos de Labov marcaram o início dos estudos sociolingüísticos. O primeiro trabalho, em 1962, analisa a estratificação social do [r] pós-vocálico em Nova Iorque; o segundo, em 1963, analisa a centralização dos ditongos [ay] e [aw] na Ilha de Martha's Vineyard e o terceiro, em 1969, analisa o apagamento da cópula entre adolescentes negros do Harlem, de Nova Iorque.

Em seu primeiro trabalho, Labov (1972a) analisou a variação de <r> na cidade de Nova Iorque e a relacionou à estratificação social. Labov coletou seus dados em três diferentes lojas de departamento: Sack's, Macy's e S. Klein, as quais representavam status social alto, médio e baixo, respectivamente. O critério para a definição do status da clientela de cada loja foi baseado no preço dos produtos e nos jornais nos quais as lojas publicavam seus anúncios. Seus informantes eram assistentes ou vendedores e não sabiam que estavam fazendo parte de uma entrevista lingüística. Seus resultados confirmaram muitas de suas hipóteses, entre elas as de que o apagamento de <r> era mais freqüente na fala de a)

informantes mais velhos, uma vez que sua produção como [r] era uma inovação, sendo, portanto, adotada por informantes mais jovens; *b*) pessoas de status social mais baixo, já que o uso de [r] representava o resultado da influência da comunidade de status social mais elevado; e *c*) pessoas que estivessem prestando pouca atenção na fala, pois se preocupavam menos com a avaliação do ouvinte em relação ao seu status social.

O segundo trabalho de Labov foi a pesquisa realizada, em 1963, com a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts. Nesta ilha, bastante freqüentada por veranistas, foi constatado que a vogal base dos ditongos [aw] como em *out* e *house*, e [ay] como em *white* e *right* não era produzida sempre da mesma forma, apresentando três alternâncias perceptíveis em direção a uma pronúncia mais centralizada - [a], [e] e [ə]. A primeira caracterizava a pronúncia padrão do estado de New England e a última, [ə], a mais centralizada, remontava ao inglês do século XVII e XVIII.

O objetivo da investigação de Labov foi o de compreender qual o padrão de distribuição das várias escolhas produzidas pelos falantes nativos da Ilha nos ditongos supramencionados. O fenômeno consistia na substituição da pronúncia padrão do estado de New England dos ditongos [aw] e [ay] pelos ditongos [əI] e [əU] como variante local. Para Labov, essa diferença de altura entre o schwa [ə] e a vogal possuía motivação social.

Para verificar a sua hipótese, Labov entrevistou 69 informantes, distribuídos por região geográfica da ilha (parte superior, zona rural *versus* parte inferior, zona urbana); ocupação (pescadores e agricultores) e faixa etária (abaixo de 30 anos, 31 a 45, 46 a 60, acima de 60). Labov também considerou o contraste entre o baixo potencial econômico da ilha que não possuía indústrias e tinha a pesca como atividade principal, e a classe econômica elevada dos veranistas que freqüentavam o local.

Como resultado, Labov verificou que a centralização da vogal ocorre com mais freqüência na parte superior da ilha do que na inferior; que a faixa etária em que o fenômeno ocorre mais é a de 30 a 45 anos, e que os nativos da ilha fazem uso da forma centralizada ressentindo-se da invasão cultural econômica dos veranistas. O pesquisador chegou à conclusão de que alguns traços fonéticos estavam sendo exagerados pela comunidade como forma de demarcar seu espaço, sua identidade e sua cultura.

Outro importante estudo realizado por Labov, em 1969, envolveu falantes do Black English Vernacular (BEV) dialeto falado predominantemente por norte-americanos de raça negra. Neste estudo, Labov investiga o aparecimento e o desaparecimento da cópula da fala dos negros de Harlem, em Nova Iorque, em casos do tipo:

'We on tape.' → *We are on tape'.*

Em sua análise, Labov constata que, em certos contextos, o apagamento da cópula não era realizado como, por exemplo, em:

'Here I'm' → 'Here I.'

'How beautiful you are!' → 'How beautiful you!'

Observou, também, que estes casos não permitem que a cópula seja contraída no inglês padrão:

'Here I'm.'

'How beautiful you' re.'

Diante disso, Labov passa a elaborar uma relação entre o inglês padrão e aquele produzido pelos jovens negros de Harlem. Ou seja, podendo haver contração da cópula no primeiro, pode haver apagamento da mesma no segundo.

'He wild, though.' → *'He's wild, though.'*

'We on tape.' → *'We 're on tape.'*

Essa relação pressupõe, em se tratando de uma só língua, a seguinte ordenação:

He is wild >He's wild >He wild

He ##iz

He ##əz redução vocálica

He ##z contração

He ## apagamento

Assim, Labov defende a hipótese de que a variedade falada pelos negros de Nova Iorque é uma variedade do Inglês, e não uma língua diferente.

Depois de ter apresentado exemplos fonológicos da influência negra sobre o falar de Nova Iorque, Labov conclui que era preciso buscar a explicação da irregularidade das variações lingüísticas nas flutuações da composição social da comunidade lingüística.

Foi nesse trabalho que Labov introduziu o termo regra variável, sobre o qual falaremos a seguir.

3.4 REGRA VARIÁVEL

Para o estudo das flutuações de um sistema, entendidas como parte de uma gramática, Labov elaborou uma metodologia conhecida como análise de regra variável.

Segundo Guy (1998, p.28) trata-se de uma regra de reescrita na qual se relaciona um conjunto de variantes, tais como $x \rightarrow \langle y \rangle$ (x torna-se variavelmente y). Neste caso, quando a regra é aplicada, tem-se 'y', mas quando a regra não é aplicada tem-se 'x'. Os elementos que podem afetar a aplicação ou não da regra em um contexto são organizados em grupos de fatores. Esses podem ser sociais ou lingüísticos. O estudo realizado por Labov em 1962 conta, por exemplo, com o grupo de fator classe sócio-econômica, constituído pelos fatores alta, média e baixa. Desse modo, o uso de regra variável permite demonstrar que o uso de determinada variante depende de fatores sociais e lingüísticos.

De acordo com Guy:

A análise de regra variável foi desenvolvida na lingüística como uma maneira de explicar a variação estruturada e regida por regras no uso da língua, isto é, variação que regularmente apresenta maior ou menor grau de ocorrência em ambientes particulares, ou que freqüentemente está presente em grupos sociais particulares ou em estilos de fala particulares. (GUY, 1998, p.26).

A investigação desse tipo de regra envolve a quantificação de dados e a descrição estatística do índice de variabilidade e dos fatores, sociais e lingüísticos envolvidos.

Labov, no seu estudo sobre o apagamento e contração da cópula, com base em técnicas estatísticas, apresentou o primeiro modelo formal para o estudo da regra variável, conhecido como modelo aditivo.

$$P = P_0 + P_i + \dots + P_n$$

O modelo aditivo, entretanto, geralmente falhava ao calcular valores probabilísticos de aplicação além do intervalo entre 0 (quando a regra nunca aplica) e 1 (quando a regra sempre aplica) em casos nos quais as freqüências de aplicação eram muito diferentes em diferentes contextos, ou havia um número muito grande de contextos diferentes, uma vez que as probabilidades eram somadas. (Romaine, 1982, p.185)

Por esse motivo, Cedergren e Sankoff (1974, p.339) sugerem que se faça uso de modelos multiplicativos, de acordo com os quais as probabilidades passam a ser multiplicadas, e não mais somadas.

$$P = P_0 \times P_i \times P_j \dots \times P_n$$

Onde P_0 é, como modelo aditivo, a probabilidade de input comum a todos os ambientes e P_i , a probabilidade de contribuição do traço i à aplicação da regra, com valores entre 0 e 1.

Cedergren e Sankoff ofereceram, ainda, uma outra equação que constitui a contraparte negativa do modelo acima descrito, o modelo multiplicativo de não-aplicação. Assim como P é a probabilidade de aplicação, $1 - P$ constitui a probabilidade de que a regra não se aplique. (CEDERGREN; SANKOFF, 1974, p.337)

Tem-se, portanto, o modelo abaixo:

$$(1 - P) = (1 - P_o) \times (1 - P_l) \times (1 - P_i) \times \dots (1 - P_n)$$

Os modelos multiplicativos permitem, portanto, averiguar se é a presença ou ausência de um traço que determina a aplicação ou não-aplicação da regra. Desse modo, o fator $(1 - P_i)$ está presente ou ausente da fórmula se estiver presente ou ausente no contexto (ROMAINE, 1982, p.186)

O terceiro modelo que se impõe, e faz parte do Pacote VARBRUL, um conjunto de instruções para operacionalizar quantitativamente os fatores que compõem a regra variável, é o modelo logístico, proposto para substituir os três modelos anteriores (ROUSSEAU; SANKOFF, 1978, p.62).

$$\frac{(P)}{(1 - P)} = \frac{(P_o)}{(1 - P_o)} \times \frac{(P_i)}{(1 - P_i)} \times \frac{(P_i)}{(1 - P_i)} \times \dots \times \frac{(P_k)}{(1 - P_k)}$$

Esse modelo é mais usado na análise de dados binários, pois é simétrico no que diz respeito a probabilidades de aplicação e não-aplicação. Além disso, possui a vantagem de ser suscetível a *knockout*, uma vez que, em se tratado de dados de variação lingüística, pode haver fatores que estão presentes somente quando a regra é aplicada, bem como haver fatores cuja presença inibe a aplicação da regra por sua presença constante. De acordo com esse último modelo, pode-se, portanto, dizer, que há *knockout* quando um fator i é equivalente a $p_i = 1$ (aplicação categórica na presença do fator) ou $p_i = 0$ (não-aplicação categórica na presença do fator). A análise desses fatores torna-se, desse modo, estatisticamente inútil, sendo necessários identificá-los e removê-los. (ROUSSEAU, 1978, p.66).

No modelo, os valores dos pesos dos fatores em um grupo são distribuídos acima e abaixo de 0,5. Esses valores representam o efeito relativo de um fator, ou seja, se ele está associado a uma aplicação acima ou abaixo da média, é favorecedor ou não-favorecedor à aplicação, respectivamente. A totalidade dos dados é caracterizada por um *input*, o que representa a medida global de aplicação da regra.

Sumariando, observamos que a partir do modelo aditivo proposto por Labov em 1969, foram-se, gradativamente, desenvolvendo novos modelos, até se chegar a um modelo prático e sofisticado, o qual pode ser facilmente manejado através dos programas computacionais que compõem o Pacote VARBRUL.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentaremos a constituição da amostra, o método de coleta e análise dos dados e a definição das variáveis dependente e independentes.

4.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

4.1.1 Projeto VARSUL

Em 1988, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, iniciou-se o VARSUL – Variação Lingüística Urbana da Região Sul, com o objetivo de instalar um banco de dados lingüísticos que possibilitasse a descrição da variedade lingüística urbana da Região Sul e suas subvariedades locais.

A coleta de dados iniciou-se no Rio Grande do Sul em 1988 e nos demais Estados em 1990, completando-se a amostra básica em 1996, ano em que foi oficialmente inaugurado o Banco de Dados, no I Encontro de Variação Lingüística do Cone Sul, ocorrido na UFRGS.

O Banco tem por sede quatro universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Instituto de Letras), Universidade Federal de Santa Catarina (Centro de Comunicação e

Expressão), Universidade Federal do Paraná (Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Faculdade de Letras).

Compreendendo 288 entrevistas, 96 por Estado, as amostras ficaram assim organizadas:

■ RIO GRANDE DO SUL: Porto Alegre, Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (região da fronteira).

■ SANTA CATARINA: Florianópolis, Blumenau (colonização alemã) Chapecó (colonização italiana) e Lages (colonização sulista).

■ PARANÁ: Curitiba, Londrina (cidade mais importante da região norte do Estado), Irati (colonização eslava) e Pato Branco (cidade mais importante da região sudoeste do Estado).

As cidades selecionadas representam diferentes grupos étnicos de cada Estado.

Com respeito à metodologia do levantamento de dados, seguiu-se a linha laboviana, inspirando-se a transcrição das entrevistas no trabalho realizado pela equipe do Projeto Censo do Rio de Janeiro que teve a orientação de Anthony Naro. Evidentemente, escreveu-se uma versão particular para registro das entrevistas, em virtude da diversidade étnica e sociocultural que caracteriza os três Estados que compõem a amostra.

Na seleção dos entrevistados, consideraram-se as características sociais comprovadamente significativas na pesquisa Sociolinguística, ou seja, Sexo, Idade e Escolaridade. O VARSUL possui a seguinte classificação social dos informantes:

- ▶ Sexo: masculino e feminino
- ▶ Faixa Etária: dos 25 aos 39, dos 40 aos 55 e a partir dos 56 anos de idade
- ▶ Escolaridade: primário, ginásio e secundário

Inicialmente, não foram incluídos analfabetos e universitários pelo fato de constituírem população alvo de outros estudos dialetais (analfabetos) e norma urbana culta

(universitários), mas nos últimos anos uma amostra com informantes de nível superior vem sendo elaborada.

Os falantes, além de terem sido selecionados pelos perfis supramencionados, tiveram de preencher os seguintes pré-requisitos:

- a) falar português;
- b) ter morado na cidade pelo menos 2/3 de sua vida;
- c) não ter morado fora da região por mais de um ano durante a aquisição da língua nativa (2 a 12 anos);
- d) sua fala não causar estranheza a outros moradores da região;
- e) ter os pais com a característica (b) acima.

A coleta de dados, realizada nos anos de 1990 e 1996 pela equipe do VARSUL, ocorreu em duas etapas distintas. Inicialmente, o entrevistador apresentava-se ao falante solicitando a colaboração para um trabalho acadêmico. Nesse encontro, gravavam-se de 5 a 15 minutos de fala, com o intuito de confirmar as características sociais do falante e preparar a entrevista posterior.

O contato inicial serviu para a elaboração de um roteiro de assuntos utilizado pelo entrevistador na segunda etapa da coleta. A fim de proporcionar espontaneidade à situação, o entrevistador tinha o cuidado de deixar o falante à vontade, para que produzisse amostras de fala despreocupada com a linguagem, fazendo uso de discurso variado em termos de vocabulário e estruturas. Essa segunda pesquisa, realizada preferencialmente na casa do entrevistado, de cerca de uma hora de gravação, constitui o objeto de investigação da pesquisa.

Após a coleta, os dados foram transcritos em três linhas: transcrição ortográfica na primeira linha com indicação das variações na segunda, por ser possível, assim, fazer uma relação eletrônica imediata entre a ortografia de uma forma, normalmente uniforme, e suas diversas realizações; na terceira linha, foi feita uma classificação morfosintática dos itens, bem como alguns registros de estilo de fala.

Transcritos os dados, foram eletronicamente armazenados. Com o tempo, as entrevistas gravadas originalmente em fitas-cassete deverão ser regravadas em CD, etapa esta já concluída na PUCRS.

O Banco VARSUL vem sendo constantemente ampliado com o acréscimo de novas amostras em todas as sedes. À amostra básica, constituída de informantes sem curso superior, distribuídos por grau de escolaridade, sexo e faixa etária (acima de 25 anos), outras vêm sendo acrescidas, contemplando novas regiões, diferentes faixas etárias, bem como níveis de escolaridade. Note-se também que o VARSUL vem se tornando um lugar privilegiado de formação de novos pesquisadores, abrindo portas a alunos de graduação (bolsistas de iniciação científica), mestrandos e doutorandos.

4.1.2 Constituição da amostra desta pesquisa

Para a realização desta pesquisa, foram ouvidas 24 entrevistas da cidade de Porto Alegre. Cada uma delas tem a duração de 60 minutos aproximadamente. O Quadro 2 apresenta a distribuição dos informantes.

Idade	Sexo Masculino		Sexo Feminino	
	Fundamental	Médio	Fundamental	Médio
25-39 anos	(0)	(1)	(1)	(1)
40-55 anos	(6)	(4)	(3)	(1)
Mais de 56 anos	(2)	(0)	(4)	(1)

Quadro 2 - Distribuição dos informantes por célula considerando três faixas etárias

Como pode ser visto no Quadro 2, nem todas as células da presente pesquisa apresentam o mesmo número de informantes. Em relação ao sexo masculino, a pesquisa apresenta 1 informante na faixa etária de 25 a 39 anos que possui Ensino Fundamental. Na faixa etária de 40 a 55 anos, 6 informantes possuem o Ensino Fundamental e 4 possuem o Ensino Médio. A faixa etária com mais de 56 anos, apresenta 2 informantes, ambos com Ensino Fundamental.

Em relação aos informantes do sexo feminino, tem-se, na faixa etária de 25 a 39 anos, 1 informante com Ensino Fundamental e 1 informante com Ensino Médio. Na faixa etária de 40 a 55 anos, 3 informantes possuem Ensino Fundamental e 1 informante possui Ensino Médio. E, dos informantes com mais de 56 anos, 4 apresentam Ensino Fundamental e 1 possui Ensino Médio.

4.1.2.1 A comunidade de fala

A cidade de Porto Alegre tem como data oficial de sua fundação, a da criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, 26 de março de 1772. Mas, o povoamento de Porto Alegre é anterior a essa data. A área foi ocupada por casais açorianos, trazidos para se instalarem na região das Missões, que estava sendo entregue ao governo português em troca da Colônia de Sacramento, nas margens do Rio da Prata. A troca havia sido acordada através do Tratado de Madri, de 1750.

A demarcação do território das Missões, entretanto, demorou a acontecer. Em 1752, o rei português mandou que Cristóvão Pereira de Abreu, com 200 homens, iniciasse a demarcação. Quando chegaram a Rio Grande, que então era a sede da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, foi determinado que oitenta deles ficassem nas proximidades de Viamão, construindo canoas que permitissem o transporte até as Missões, e que os demais explorassem a subida do rio.

Os casais açorianos se fixaram, aos poucos, nesse local, que passou a ser chamado de Porto de Viamão, primeira denominação de Porto Alegre. Durante vinte anos ficaram na área, sem receber as terras prometidas e vivendo de uma agricultura de subsistência. Levantaram casas de barro e aos poucos se estabeleceram em terras que pertenciam ao sesmeiro Jerônimo de Ornelas.

Em 1772, a povoação foi finalmente desligada da jurisdição eclesiástica de Viamão, por uma pastoral do bispo do Rio de Janeiro, oficializando-se, assim, a Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais. Essa denominação seria mudada, em janeiro do ano seguinte, para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre. Assim, a cidade nasceu antes do que se considera oficialmente, e resultou do fracasso da ocupação da região das Missões. Ainda em julho de 1772, foram desapropriadas as terras em que a vila estava situada e se começou a marcação das primeiras ruas. Deu-se início à construção da igreja no Alto da Praia, atual Praça Marechal Deodoro. Aos poucos, o lugarejo tomava feições de cidade. E, em 24 de julho de 1773, Porto Alegre passou a ser a capital da capitania, com a instalação oficial do governo de José Marcelino de Figueiredo.

A cidade iria evoluir rapidamente, sempre a partir de um pequeno núcleo que hoje constitui o seu centro. Em certos momentos, viveu episódios de tensão. Afinal, era a capital da capitania (depois província) mais meridional do Brasil, e que fazia fronteira com países com os quais houve diversos conflitos.

Mas o período mais prolongado de dificuldades da capital não foi devido a nenhum conflito externo, como a Guerra do Paraguai. Foi causado pela Revolução Farroupilha, que se iniciou com um enfrentamento realizado no dia 20 de setembro de 1835 na própria capital, nas proximidades da ponte da Azenha. Com exceção dos primeiros dias, a capital gaúcha se manteria, durante os dez anos da revolução, nas mãos das tropas governistas. Mas era constantemente sitiada e os farrapos procuraram isolá-la ao máximo. A resistência a um dos vários cercos que sofreu nesse período é que lhe valeu o título, dado pelo Imperador, de “mui leal e valorosa”.

Depois da Guerra dos Farrapos, a cidade retomou seu ritmo normal de desenvolvimento, permanecendo sempre no centro dos acontecimentos políticos e sociais do Estado e do País. Apesar do inchaço populacional daqueles tempos, a cidade só voltaria a crescer após 1845.

Os anos que seguem são prósperos, época em que os primeiros imigrantes alemães e italianos desembarcam na capital, instalando restaurantes, pensões, pequenas manufaturas, olarias, alambiques e diversos estabelecimentos comerciais. A Guerra do Paraguai transforma a capital gaúcha na cidade mais próxima do teatro de operações. A cidade recebe dinheiro do governo central, além de serviço telegráfico, novos estaleiros, quartéis, melhorias na área portuária, além da construção do primeiro andar do novo Mercado Público. Porém, o fim da campanha do Paraguai faz o Império do Brasil mergulhar numa crise político-administrativa.

Em 1884, o governo municipal liberta os escravos da cidade, antes da proclamação da república e da assinatura da Lei Áurea, em 1888.

Os primeiros governos republicanos, no Rio Grande do Sul, seguiam a filosofia positivista de Augusto Comte, deixando profundas marcas na capital gaúcha. Grandes quantidades de prédios públicos foram construídos nessa época. A preocupação desse grupo político com as benfeitorias e melhorias do espaço urbano vai transformar o antigo aspecto colonial da cidade. Existe uma enorme preocupação com o saneamento das áreas centrais. São destruídos os cortiços e os prédios mal conservados do centro.

Durante as administrações republicanas (1889 a 1940) foram instalados na cidade a eletricidade, a iluminação pública, rede de esgotos, transporte elétrico, água encanada, as primeiras faculdades, hospitais, ambulância, a telefonia, indústrias, o rádio, os planos diretores, alguns dos quais implantados décadas depois, como o Plano Maciel de Melhorias de 1914, que seria viabilizado só nas décadas de 30 e 40. Na década de 40, a cidade assume seu caráter de centro administrativo, comercial, industrial e financeiro do Estado. Os animais de carga, que dominavam o cenário urbano, são substituídos pelos modernos automóveis. São anos de ampliação das malhas viária da cidade. São abertas na cidade grandes avenidas, como a Farrapos, a Borges de Medeiros e a Salgado Filho. Outras são pavimentadas, como a Azenha e a João Pessoa. A expansão do centro urbano, então, começava a se direcionar para as áreas sul e norte da península.

Nas décadas de 60 e 70, grandes obras viárias são feitas: os viadutos da Borges de Medeiros, da João Pessoa, o Obirici, Tiradentes e Ildo Meneghetti. Essas obras melhoraram o fluxo de veículos na área densamente povoada da capital.

Atualmente, Porto Alegre constitui um importante pólo econômico, turístico e cultural para o país. A cidade conta com uma área de 476,30 km² e, de acordo com contagem realizada em 1996 pelo IBGE, uma população de 1.286.251, sendo 684.501 mulheres e 601.750 homens.

Porto Alegre conta ainda com 480 escolas de ensino fundamental e médio, sendo 343 públicas. Cerca de 91% da população acima dos 10 anos é alfabetizada. O número de instituições de ensino superior, que vem crescendo muito nos últimos anos, é de aproximadamente dez.

A cidade oferece ainda uma intensa vida cultural, contando com teatros, cinemas, feiras, cursos e oficinas, palestras, eventos comemorativos, entre outros, que estão disponíveis à população durante todo o ano.

4.2.MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa teve um total de 4.208 dados, sendo 2.229 para a vogal /e/ e 1.979 para a vogal /o/. Após ouvir as entrevistas e coletar os dados, realizamos a codificação e a análise dos mesmos. Destacaremos detalhes dessas etapas a seguir.

4.2.1 Coleta e codificação dos dados

Na organização da amostra, alguns vocábulos foram excluídos devido à elevação quase categórica, já registrada. Os contextos favoráveis à elevação, conforme pesquisas realizadas, não analisados neste estudo foram os seguintes:

a) vogal alta em sílaba subsequente, para evitar contextos de harmonia vocálica (*pepino, coruja*);

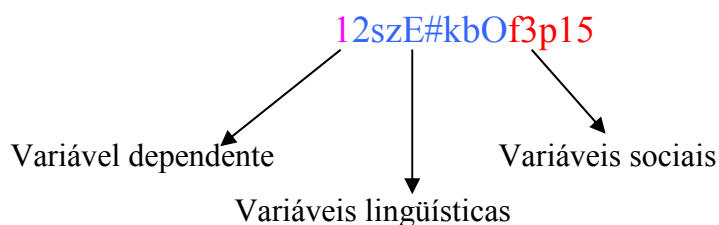
b) *eN*, *eS* e prefixo *des* iniciais, para evitar contextos de alçamento quase categórico (*entulho, estudo, desliga*);

c) vogais em seqüência que formam ditongo ou hiato (*reunir, teatro*).

Com isso, ficamos com uma amostra “limpa”, no sentido de ser constituída apenas das palavras que são objeto de nosso estudo.

Após a coleta de dados, iniciou-se o processo de codificação. As ocorrências foram classificadas de acordo com as variáveis lingüísticas e sociais, cujas definições serão apresentadas no item 3.4. Cada variável foi representada por um código que auxiliou na classificação e posterior análise computacional dos dados coletados.

Dessa forma, a ocorrência de [governo] na fala do informante número 5, por exemplo, foi assim codificada:



Uma vez codificados, os dados foram submetidos aos programas do Pacote VARBRUL que nos ofereceu resultados estatísticos das variáveis a ele submetidas.

4.2.2 Os programas do Pacote VARBRUL 2S

Após a classificação, de acordo com o exposto no item 4.2.1, os dados foram submetidos a análise computacional via Pacote VARBRUL 2S. Os programas produzem como produto final resultados numéricos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores ou variáveis independentes, que medem o peso relativo de cada fator. Os programas

também apresentam valores percentuais e medidas estatísticas diversas que indicam se os grupos de fatores considerados pelo pesquisador são significativos do ponto de vista estatístico.

Vale lembrar que os resultados obtidos pelos programas só tem valor estatístico. O seu valor lingüístico é depreendido e interpretado pelo linguista.

Para esta pesquisa, fizemos uso de seis dos programas que constituem o pacote. Foram eles: QEDIT, CHECKTOK, READTOK, MAKECELL, VARB2000 e CROSS 3000. As etapas para a realização de uma análise serão resumidas a seguir.

4.2.2.1 Digitação dos dados

Para a digitação de dados, utiliza-se o programa QEDIT, o qual tem como utilidade criar e editar os arquivos de dados, condições e especificações.

4.2.2.2 Realização das rodadas

Após concluir a digitação dos dados criaram-se os seguintes arquivos:

a) o *arquivo de dados*, que contém os dados codificados conforme os símbolos convencionados para a variável dependente e as variáveis independentes. Nesta pesquisa, foram criados dois arquivos de dados: um referente à pretônica /e/ e outro referente à pretônica /o/.

b) o *arquivo de especificações*, que contém os símbolos utilizados para a codificação dos dados;

c) o *arquivo das condições*, que contém o número de grupos de fatores e é usado para a criação do arquivo das células.

Concluída esta primeira etapa, iniciamos a rodada propriamente dita. O primeiro programa a ser executado foi o CHECKTOK, que exige como input o arquivo de dados e o arquivo de especificações, e tem como função comparar os símbolos nesses dois arquivos a fim de detectar erros de digitação ou de classificação no arquivo de dados. Se nenhum erro for encontrado, o CHECKTOK cria um novo arquivo de dados, que servirá como input para o programa seguinte, o READTOK.

A função do READTOK é ler todas as ocorrências de um ou mais arquivos de dados e escrevê-las em um arquivo de ocorrências, que será utilizado como input para o MAKECELL, o qual cria o arquivo de células, contando as ocorrências e calculando as percentagens de aplicação para cada fator. É indispensável que se tenha o arquivo de condições, pois é nele que aparecerão as recodificações que possam vir a ser feitas em quaisquer grupos de fatores. Quando o percentual de um determinado fator for igual a 0 ou 100, situação denominada *knockout*, será necessário eliminá-lo e executar novamente o MAKECELL para então dar prosseguimento à rodada dos programas.

Depois do MAKECELL, rodamos o VARB2000 que selecionou as variáveis, por ordem de importância estatística na aplicação da regra, através de um valor denominado *nível de significância*. Quanto à interpretação dos pesos relativos, que variam num intervalo entre 0 e 1, diz-se que valores maiores que 0,50 são mais favorecedores à aplicação da regra, valores muito próximos a 0,50 são neutros e valores menores que 0,50 são menos favorecedores à aplicação da regra.

O VARB2000, no primeiro momento, realiza o *step up*, um processo que vai do nível 0 até o nível n (= número de variáveis), através do acréscimo das variáveis uma a uma para testar sua expressividade até incluir todas. No primeiro nível (nível zero), o programa calcula a média global de aplicação da regra. A seguir, no nível 1, são calculados os pesos relativos dos fatores de cada uma das variáveis isoladamente em comparação ao *input* e realiza-se a seleção da variável mais relevante com base nos parâmetros estatísticos. Em seguida, o

programa compara esta variável com as demais e seleciona a segunda variável. Esse procedimento é repetido até que as variáveis estatisticamente relevantes sejam selecionadas. Após o *step up*, o programa realiza o *step down*, ou seja, do nível n ao nível 1, subtraindo as variáveis que não apresentam relevância do ponto de vista estatístico. Espera-se que as variáveis eliminadas no *step down* estejam em distribuição complementar com as variáveis selecionadas no *step up*. Esse programa é mais adequado do que os que se utilizam apenas de percentagens, pois ele quantifica a influência relativa de cada variável, atribuindo pesos devido ao papel de seus diversos fatores.

E, por último, utilizamos o CROSS 3000, o qual fornece informações sobre possíveis concentrações de dados ao se cruzarem grupos de fatores. A presente pesquisa apresentou problemas desse tipo e, por esse motivo, foi preciso realizar algumas rodadas excluindo um dos grupos para que se obtivessem resultados confiáveis. Sobre esse assunto trataremos em 5.1.

O número de rodadas do pacote VARBRUL vai depender dos números estatísticos. Se o usuário considerar que os resultados da primeira rodada são significativos do ponto de vista lingüístico, a análise estatística encerra-se nesse ponto; do contrário, são realizadas outras rodadas, fazendo-se as devidas reformulações (amalgamações), quando os valores dos pesos relativos dos fatores referentes a uma determinada variável estiverem muito próximos ou por justificativas lingüísticas ou extralingüísticas.

4.3 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

A fim de alcançarem-se as regras que regulam a heterogeneidade lingüística, pressuposto básico da Teoria da Variação Lingüística, faz-se necessário, inicialmente, proceder à identificação das dimensões lingüísticas e não-lingüísticas que podem estar atuando na escolha de uma ou de outra variante de uma determinada variável.

Partiu-se, primeiramente, da definição da variável dependente.

4.3.1 Variável dependente

Constitui-se como variável dependente a redução das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

4.3.2. Variáveis independentes

As variáveis independentes ou grupos de fatores consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes (Mollica, 2003, p.11). Podem ser lingüísticas, isto é, estruturais, internas ao sistema, ou extralingüísticas, isto é, sociais, externas ao sistema. No primeiro caso, refletem o modo como os aspectos da língua influenciam a variabilidade. No segundo, refletem a relação mútua, base dos estudos sociolingüísticos, entre outros aspectos como etnia, gênero, escolaridade, idade e variáveis lingüísticas.

4.3.2.1 Variáveis lingüísticas

4.3.2.1.1 Distância da tônica

Essa variável define o papel da distância da tônica em relação à pretônica. Os fatores vão de 1 a 4, sendo 1 o grau de maior aproximação.

- 1) (1) *perfeito, problema*
- 2) (2) *restaurante, borboleta*
- 3) (3) *repartição, corresponder*
- 4) (4 ou mais) *responsabilidade, oportunidade*

4.3.2.1.2 Tipo de sílaba

A verificação da relevância do tipo silábico, no estudo em questão, foi feita a partir da oposição *leve/pesada*.

- 1) Sílaba leve – *beleza, boneca*
- 2) Sílaba pesada – *mensagem, conversa*

4.3.2.1.3 Altura da vogal da sílaba precedente

A partir dessa variável pretende-se verificar o efeito da altura da vogal da sílaba precedente sobre o comportamento da vogal média pretônica. Essa variável compreende os seguintes fatores:

- 1) Vogal alta – *interativo, microfone*
- 2) Vogal média – *reflexão, rodoviária*
- 3) Vogal baixa – *apresentação, atolado,*
- 4) Ausência de vogal precedente (início de palavra) – *elegante, ofegante*

4.3.2.1.4 Altura da vogal da sílaba seguinte

Através da literatura, sabe-se que a vogal alta em sílaba subsequente é o grande motivador da elevação das vogais médias pretônicas. No entanto, como referido anteriormente, o objeto de estudo desta pesquisa é a elevação das vogais médias não motivada pela presença de uma vogal alta. Desse modo, ficaram fora da análise as palavras que possuíam vogal alta na sílaba seguinte à pretônica em questão. Embora a variedade falada no Sul não mostre indícios de a pretônica harmonizar-se com a vogal média ou com a vogal baixa, esta variável foi considerada para estabelecer com clareza a diferença entre dialetos do Sul de outros dialetos, sendo então, subcategorizada da seguinte forma:

- 1) Vogal média – *pequeno, gostoso*
- 2) Vogal baixa – *metade, botava*

4.3.2.1.5 Posição da pretônica em questão

Partindo-se da idéia de que a posição da pretônica em questão poderia exercer algum papel na elevação das médias, foram investigados os seguintes contextos:

- 1) Posição inicial – *elegante, ofegante*
- 2) Posição não inicial – *sorveteria, reprovado*

4.3.2.1.6 Contexto fonológico precedente

Conforme demonstrado em muitas pesquisas, a consoante que precede a vogal média pretônica pode exercer influência sobre a elevação. Desse modo, a articulação de certos segmentos consonantais pode vir a favorecer ou inibir o alçamento. Assim, foram verificados os seguintes contextos:

- 1) Labial – ***b**e~~l~~eza, **b**oneca*
- 2) Labial nasal – ***m**exerica, **m**omento*
- 3) Coronal – ***t**enente, **t**omate*
- 4) Coronal nasal – ***n**egócio, **n**ovela*
- 5) Dorsal – ***q**uebrado, **c**oragem*
- 6) Dorsal nasal – *an**ç**orar*
- 7) Palatal – ***g**elada, **j**ogatina*
- 8) Palatal nasal – *con**h**ecemos*
- 9) Ausência de consoante – *elefante, olfato*

4.3.2.1.7 Contexto fonológico seguinte

Suspeitando-se que consoantes altas como palatais e dorsais facilitem a elevação da vogal média, seja /e/, seja /o/ e que, opositivamente coronais não facilitem por não serem altas, o contexto consonantal foi especificado nos seguintes termos:

- 1) Labial – *ceb**l**ola, dop**p**ado*
- 2) Labial nasal – *sem**m**ana, tom**m**ate*

- 3) Coronal – *eterno, collado*
- 4) Coronal nasal – *tenente, ponnteiro*
- 5) Dorsal– *cegueira, proggredir*
- 6) Palatal – *telhado, molhhado*
- 7) Palatal nasal– *lenheiro, sonhhado*

4.3.2 1.8 Nasalidade

Como a nasalidade pode provocar mudança de timbre nas vogais, fazendo com que sejam percebidas muitas vezes como abaixadas, centralizadas ou ainda abaixadas e centralizadas simultaneamente, decidimos analisar o papel que esse fator poderia desempenhar no estudo em questão. Dessa forma, classificou-se a vogal média pretônica em:

- 1) Oral – *telefone, atolado*
- 2) Nasal – *mensagem, contrato*

4.3.2.2 Variáveis extralingüísticas

4.3.2.2.1 Gênero

Através da literatura (Labov, 1991) sabe-se que existem duas tendências referentes à diferenciação de sexo. A primeira diz que, em situações estáveis, os homens usam as formas não-padrão com maior frequência; a segunda, que em situações de mudança lingüística, as mulheres utilizam bem mais as formas inovadoras quando não se trata de uma forma estigmatizada.

É importante salientar que, para Labov, a diferença entre o comportamento lingüístico de homens e mulheres não resulta somente de diferenças físicas e biológicas, mas principalmente de suas posturas perante a sociedade, levando-se em consideração o que é socialmente apropriado para um sexo ou para outro.

Por este motivo, adotaremos neste trabalho, assim como já vem sendo adotado em trabalhos mais recentes, o termo *gênero* ao invés de *sexo*.

4.3.2.2.2 Faixa etária

Há pesquisas que apontam a faixa etária do falante como um fator importante na preservação ou na mudança de um fenômeno lingüístico. Sustenta-se que os falantes mais jovens tendem a implementar mudanças com mais frequência que os falantes de mais idade. Desse modo, busca-se identificar a influência que a idade possa ter sobre a preservação ou elevação das vogais médias pretônicas.

A variável *faixa etária* segue a classificação mais recente do banco de dados do Projeto VARSUL.

- 1) 25 a 39 anos
- 2) 45 a 55 anos
- 3) mais de 56 anos

4.3.2.2.3 Grau de escolaridade

Em diversos estudos lingüísticos, a escolaridade tem se mostrado relevante no comportamento lingüístico dos falantes em relação ao uso de uma determinada variante. Falantes com maior grau de escolaridade, pelo maior contato com a língua escrita, tendem a utilizar a variante padrão, enquanto falantes com menor grau de escolaridade tendem a usar outras variantes. Por essa razão, procuramos observar se o grau de escolaridade exerce algum tipo de influência na elevação das vogais médias pretônicas.

Embora o banco de dados do Projeto VARSUL classifique a escolaridade em primário, ginásio e secundário, preferimos dividir essa variável em Ensino Fundamental e Médio, por acreditarmos que assim teríamos amostras mais polarizadas.

5 RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo pretende-se analisar e discutir os resultados obtidos, salientando quais são os fatores que favorecem o alçamento das vogais médias pretônicas. Inicialmente, serão apresentados os resultados das variáveis lingüísticas selecionadas e, além disso, também trataremos de um problema de ortogonalidade, em seguida, serão apresentados os resultados referentes às variáveis extralingüísticas.

5.1 SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS

5.1.1 Problemas de ortogonalidade

Na primeira rodada das vogais /e/ e /o/, separadamente, observou-se que a iteração das variáveis *contexto fonológico precedente* e *contexto fonológico seguinte*, resultou em não convergência (NO CONVERGENCE⁵) em vários níveis do *step-up*. Acredita-se que tal fato se deva à situação de pouca ortogonalidade entre tais variáveis lingüísticas, fato comprovado com a realização de um CROSS 3000, como mostra a Tabela 1.

⁵ NO CONVERGENCE ocorre quando os resultados não convergem antes da vigésima primeira iteração.

**Tabela 1 - Contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte
Vogal /e/**

Contexto Fonológico Seguinte	Contexto Fonológico precedente			
	Labial	Coronal	Ausência de consoante precedente	TOTAL
Palatal nasal	0	34	0	34
Palatal	45	13	0	58
Dorsal	57	94	27	178
Labial	18	334	32	384
Coronal	653	518	47	1218
TOTAL	773	993	106	1872

Configura-se como ideal situação para a operação do VARB 2000 que todas as células formadas pelo cruzamento das variáveis contenham dados ou, em outras palavras, que todos os grupos de fatores sejam ortogonais, isto é, que não sejam sub- ou supercategorias uns dos outros. No entanto, a ortogonalidade não é sempre obtida nos estudos de regra variável. Isso se dá porque o número de ocorrências de cada contexto depende da frequência com que os dados surgem na amostra coletada. (GUY,1998, p.29).

Como pode ser observado na Tabela 1, há uma assimetria na distribuição dos dados apontada pelo cruzamento das variáveis *contexto fonológico seguinte* e *contexto fonológico precedente*, configurando um caso de pouca ortogonalidade.

Uma das medidas que pode ajudar a solucionar o problema é rodá-las separadamente, a fim de obter resultados estatísticos confiáveis para as variáveis em questão. Duas rodadas foram realizadas. Na primeira rodada, para analisar o comportamento da variável *contexto fonológico seguinte*, não foi considerada no arquivo de condições a variável *contexto fonológico precedente*. Na segunda rodada, para analisar o comportamento da variável *contexto fonológico precedente*, não foi considerada no arquivo de condições a variável *contexto fonológico seguinte*.

A seguir será apresentada a seleção das variáveis de cada rodada.

5.1.1.1 Primeira rodada

Na primeira rodada, desconsiderou-se no arquivo de condições apenas a variável *contexto fonológico precedente* pela razão exposta anteriormente.

As variáveis selecionadas por ordem de seleção para a vogal /e/ foram as seguintes:

- 1) *contexto fonológico seguinte*
- 2) *altura da vogal da sílaba seguinte*
- 3) *altura da vogal da sílaba precedente*
- 4) *distância da tônica*
- 5) *tipo de sílaba*
- 6) *grau de escolaridade*

Para a vogal /o/ o programa considerou como estatisticamente relevantes as seguintes variáveis:

- 1) *contexto fonológico seguinte*
- 2) *altura da vogal da sílaba seguinte*
- 3) *altura da vogal da sílaba precedente*
- 4) *gênero*
- 5) *distância da tônica*
- 6) *grau de escolaridade*
- 7) *nasalidade*

Como se pode observar as únicas variáveis que não coincidem são *tipo de sílaba*, *gênero* e *nasalidade*. A primeira foi selecionada como estatisticamente relevante apenas para a vogal /e/ e as últimas para /o/.

A análise regressiva *step-down* selecionou como estatisticamente não relevantes para a vogal /e/ as variáveis *posição da pretônica em questão*, *idade*, *gênero* e *nasalidade*. Para /o/ o *step-down* selecionou *idade*, *tipo de sílaba* e *posição da pretônica em questão*.

5.1.1.2 Segunda rodada

Na segunda rodada, desconsiderou-se no arquivo de condições apenas a variável *contexto fonológico seguinte*.

O programa selecionou como estatisticamente relevante para a vogal /e/ as variáveis:

- 1) *tipo de sílaba*
- 2) *nasalidade*
- 3) *contexto fonológico precedente*
- 4) *altura da vogal da sílaba seguinte*
- 5) *distância da tônica*
- 6) *altura da vogal da sílaba precedente*
- 7) *grau de escolaridade*

Para a vogal /o/ o programa selecionou como estatisticamente relevante as seguintes variáveis:

- 1) *contexto fonológico precedente*
- 2) *altura da vogal da sílaba seguinte*
- 3) *altura da vogal da sílaba precedente*
- 4) *tipo de sílaba*
- 5) *gênero*
- 6) *grau de escolaridade*
- 7) *distância da tônica*

Nessa rodada, as variáveis que não coincidiram foram *nasalidade* selecionada pelo programa apenas para /e/ e a variável *gênero* selecionada somente para /o/.

A análise regressiva *step-down* selecionou como estatisticamente não relevantes para a vogal /e/ as variáveis *posição da pretônica em questão, idade e gênero*. Para a vogal /o/ o *step-down* considerou *nasalidade, posição da pretônica em questão e idade*.

A descrição e a discussão dos resultados para as variáveis lingüísticas serão apresentadas na próxima seção. As variáveis extralingüísticas serão apresentadas em 5.2.2.

5.2 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As variáveis lingüísticas selecionadas como estatisticamente relevantes serão apresentadas de acordo com a seguinte ordem: *contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, altura da vogal da sílaba seguinte, altura da vogal da sílaba precedente, distância da tônica, tipo de sílaba e nasalidade*. Quanto às variáveis sociais, apresentaremos primeiro a variável *gênero* e em seguida, a variável *grau de escolaridade*.

Decidiu-se conciliar em uma única tabela os resultados das variáveis relevantes para a vogal /e/ e para a vogal /o/, embora alguns grupos de fatores das vogais em questão, apresentassem possibilidades de *amalgamação e knockouts* diferentes.

5.2.1 Variáveis lingüísticas

5.2.1.1. Contexto fonológico seguinte

O contexto fonológico seguinte, quando considerado no arquivo de condições, foi a primeira variável selecionada para ambas as vogais.

O fator *palatal* que, conforme a literatura, vem se mostrando favorável à elevação de /e/ e /o/ (Bisol, 1981) entre outros, acusou *knockout* por apresentar 0% de aplicação em ambas as vogais. Além disso, alguns fatores deste grupo foram amalgamados em ambas as vogais, por serem lingüística e quantitativamente semelhantes. Foram eles: *labial* com *labial nasal* e *coronal* com *coronal nasal*. A Tabela 2 mostra os resultados após a amalgamação.

**Tabela 2- Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente:
Contexto fonológico seguinte**

Fatores	Vogal /o/			Vogal /e/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Palatal nasal (<i>sonhado, lenheiro</i>)	75/112	67	0,95	31/34	91	1,00
Labial (<i>dopado, tomate, cebola, semana</i>)	82/649	13	0,55	29/469	6	0,73
Dorsal (<i>progredir, cegueira</i>)	6/165	4	0,31	21/250	8	0,90
Coronal (<i>colado, ponteiro, eterno, tentando</i>)	72/1031	7	0,42	14/1414	1	0,29
TOTAL	235/1957	12		95/2229	4	

Input: 0,06

Significância: 0,008

Input: 0,01

Significância: 0,001

Observando-se a Tabela 2, verifica-se que a *palatal nasal* apresenta os valores mais altos para ambas as vogais. Em /e/, esse fator apresenta peso relativo equivalente a 1,00 e, no entanto, não acusou *knockout*. Isso ocorre, ou seja, o programa opera dessa maneira, devido à diferença existente entre os resultados, pois como se pode verificar na tabela, a *palatal nasal* apresenta 91% de aplicação, enquanto os outros fatores apresentam apenas 1%, 2%, 4%, 6% e 8% de aplicabilidade. No entanto, apesar dos altos índices apresentados, não se pode atribuir a esse fator papel relevante à elevação de /e/, pois as 31 ocorrências, em um total de 34, referem-se às palavras *sinhor*, *sinhora* e *sinhoria*, o que nos permite dizer que a regularidade está comprometida.

A *dorsal* apresenta um comportamento bastante diferente em relação às vogais em questão. Exibe valores altos para a vogal /e/ e, apresenta os índices mais baixos de aplicação para /o/.

A *labial* pós-vocálica, curiosamente, não repetiu o mesmo comportamento já verificado em estudos anteriores sobre o alçamento das vogais médias pretônicas (Bisol, 1981; Battisti, 1993; Schwindt, 1995 e Casagrande, 2003). Diferentemente desses, os índices de elevação foram altos para /e/ e, mostraram uma leve tendência favorecedora à elevação de /o/.

Já a *coronal* apresenta índices probabilísticos abaixo do ponto neutro tanto para /e/ quanto para /o/, inibindo à elevação dessas vogais.

Dos resultados apresentados, pode-se dizer que a *palatal-nasal* pós-vocálica favorece a elevação de /o/ e que a *coronal* confirma os resultados que vem sendo mostrados na literatura, como pouco motivadora de regras de alçamento. Pode-se dizer também que a *dorsal* mostrou-se favorável à elevação de /e/ e que a *labial*, diferentemente do que é apresentado na literatura, mostrou-se mais favorável para /e/ do que para /o/.

Segundo Shane (1975, p. 34) a palatal tende a favorecer a elevação porque essa consoante é produzida com o corpo da língua em posição alta, aproximando-se, em termos de semelhanças articulatórias, das vogais altas, cuja emissão envolve o mesmo levantamento da língua. Isto nos permite conceber a palatal como uma consoante complexa em virtude de ter uma articulação consonantal e uma articulação vocálica, razão pela qual a *palatal nasal* desempenhou um papel relevante nesta pesquisa. Representamo-la, pois, na seguinte figura, onde [+alto] é equivalente a [- ab 1, - ab 2, - ab 3].

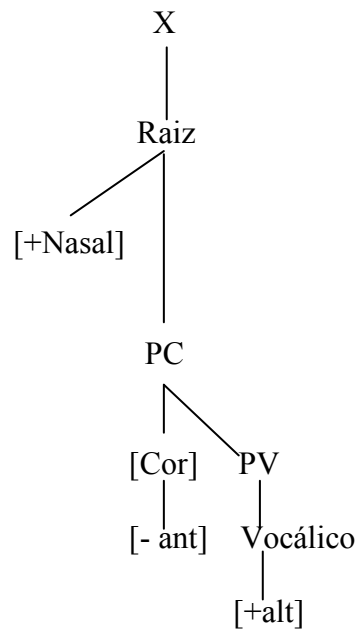


Figura 3: Representação da palatal nasal a partir da Geometria de Traços
 Fonte: CLEMENTS, G.N.; HUME, E.V. (1995).

Desse modo, a palatal nasal recebe o traço [- anterior] e [+ coronal], este último para distingui-la das consoantes dorsais.

Assim, é possível dizer que a palatal nasal propicia a elevação das médias pretônicas porque traz consigo um traço [+ voc] que facilita processos de espriamento. Segundo (Shane, 1975, p.43): “Bastante comum é a palatalização onde, além da constrição primária, há um estreitamento secundário do corpo da língua na região palatal. Conseqüentemente, consoantes palatalizadas possuem uma coloração de [j] ou [i] característica.”

Como mostram os resultados, ocorrências como *s[i]nhora* por *s/e/nhora* e *s[i]nhor* por *s/e/nhor* permitem a suposição de que essa consoante possa estar espriando seu traço de abertura ou o traço alto à vogal precedente, pois como vimos na Figura 1, a palatal nasal contém dentro de si o traço vocálico de uma vogal alta.

Viegas (2001, p.83), ao estudar o alçamento das vogais médias pretônicas em Belo Horizonte, fala em nivelamento analógico, isto é, a pesquisadora observa que, talvez, a

ocorrência *milhor*, por exemplo, teria sua forma devido ao nivelamento analógico a *pior*, já que neste último item o encontro de vogais (ou semivogais) favoreceu o alçamento muito cedo em português. Na *Antologia de Textos Medievais* – seleção, introdução e notas de J. P. Tavares, Viegas observa o registro das palavras *peyor*, *pyor* ou *pior* e *melhor* e *mylhor* ou *milhor*:

“...nem mylhor cousa q’ peitos...” (Tavares, 1961: 105)

“... baratando cada húmus armas o melhor que podias...” (Tavares, 1961: 271)

“...& sempre teme ho pior...” (Tavares, 1961: 171)

“...per cheyro ne’ outra pyor curruçam.” (Tavares, 1971: 168)

“...que mi queredes peyor d’ outra réu.” (Tavares, 1961:21)

A pesquisadora verifica que poderíamos ter aí um indício de anterioridade do alçamento de *pior* em relação a *melhor*. E assim talvez pudéssemos falar em um nivelamento analógico de *milhor* em relação a *pior*. Segundo Viegas o nivelamento analógico é uma possibilidade, uma hipótese difícil de ser corroborada ou refutada.

Outra análise possível, ainda de acordo com Viegas, é uma influência do /i/ em melhor – õris, assim como em *sinhor* temos sênior – oris. Ou seja, existiu, como se sabe, ambiente favorecedor à elevação. A pesquisadora também diz que encontramos *sinhor* na linguagem popular de Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX podendo, talvez, sua pronúncia ser atribuída aos escravos, mas a forma *sinhor* não é pronúncia só de escravos, pois pode ser encontrada, segundo a autora, em Maia (1986: 257):

“ E eu Sinhô Martinez, tabelliõ sobre dito...”

Viegas verifica que na região de Belo Horizonte, observam-se as ocorrências *sinhor*, mas *penhor*, o que pode ser indício da questão lexical relacionada ao alçamento.

Parece que a autora, com estes dizeres, está apontando para um caso de difusão lexical. É possível que nossos dados, como veremos mais adiante, também apontem para essa direção.

Quanto às dorsais, os resultados apresentados coincidem com os obtidos em estudos sobre a harmonização vocálica (Bisol ,1981; Silva ,1989; entre outros). Ambas as pesquisas mostraram que a dorsal quando subsequente à pretônica, tende a favorecer a elevação de /e/. Bisol (1981) observa que para emitirmos uma consoante dorsal, levantamos a parte posterior da língua contra o palato mole e que, por não lhe ser fixo o ponto de articulação, na área que lhe é peculiar, pode avançar ou retroceder de acordo com a vogal com que combina.

No entanto, em nossa pesquisa, a elevação de /e/ no contexto em questão ocorreu sempre com as palavras *pequena(s)*, *pequeno(s)*, o que nos permite dizer que a regularidade está tendenciada, pois o número de ocorrências deste item é relativamente grande, fato que tem a aparência de uma variação que está ocorrendo no léxico.

Já as coronais, mais uma vez mostraram-se inibidoras do processo. Conforme Chomsky e Halle (1968), “os sons coronais são produzidos com a ponta da língua erguida de sua posição neutra; os sons não-coronais são produzidos com a lâmina da língua na posição neutra” (op. cit.; p.304).

Bisol (1981) diz que a explicação para o não favorecimento das coronais está relacionado ao fator articulatorio que é sustentado pela fonética acústica, que nos informa ser o lócus das frequências de F2 da consoante coronal ao redor de 1.400e 1.800 cps, o que a faz mais próxima das vogais baixas do que das altas. São essas as razões, segundo a pesquisadora, que fazem com que a coronal não provoque a elevação e tenda a preservar as médias.

Os resultados apresentados abrem uma perspectiva de que o alçamento nos casos em estudo apresenta alguns pontos semelhantes e outros totalmente diferentes dos já amplamente estudados, como a harmonização vocálica, por exemplo.

Talvez estejamos diante de uma alteração vocálica que esteja dando sinais no léxico, em que a analogia tem um papel maior do que tem em regras variáveis do estilo de Labov. A isso voltaremos mais adiante.

5.2.1.2 Contexto fonológico precedente

A variável contexto fonológico precedente foi selecionada como a primeira estatisticamente relevante para /o/ e a terceira estatisticamente relevante para /e/, quando considerada no arquivo de condições. Em ambas as vogais, alguns fatores foram eliminados por *knockout* e outros foram amalgamados. Quanto à vogal /e/, os fatores *dorsal* e *palatal* foram eliminados por apresentar 0% de aplicação. Os fatores *palatal nasal* e *coronal nasal* foram eliminados em ambas as vogais por apresentarem poucos dados. Além desses dois fatores, em relação à vogal /o/, também foi excluído o fator *ausência de consoante precedente* por apresentar 0% de aplicação.

Os fatores *labial* e *labial nasal*, por serem linguisticamente semelhantes e por apresentarem resultados bastante próximos em ambas as vogais, foram amalgamados. Os resultados referentes a essa variável podem ser vistos na tabela a seguir.

**Tabela 3- Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente:
Contexto fonológico precedente**

Fatores	Vogal /o/			Vogal /e/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Dorsal (<i>governo, quebrado</i>)	187/915	20	0,67	0/246	0	-
Palatal (<i>jogatina, gelada</i>)	3/37	8	0,55	0/53	0	-
Labial (<i>boneca, morango beleza, mexicana</i>)	24/401	6	0,47	30/774	4	0,54
Coronal (<i>tomate, tenente</i>)	21/516	4	0,24	65/992	7	0,51
Ausência de consoante precedente (<i>oftalmologista, elegante</i>)	0/108	0	-	1/106	1	0,23
TOTAL	235/1977	13		96/2171	5	

Input: 0,07

Significância: 0,010

Input:0,01

Significância: 0,002

Pode-se observar na Tabela 3 que os fatores *dorsal* e *palatal* apresentam os índices mais altos de aplicação para /o/, mostrando, dessa forma, que exercem influência na elevação dessa vogal quando em posição precedente. No entanto, não se pode conferir à palatal nenhum papel sobre a elevação de /o/ em razão da escassez de dados (3/37), acrescida do fato de os três únicos casos em que a vogal se eleva estarem em um mesmo radical (*chuvendo, chover* e *chuveu*). Como referido anteriormente, esses fatores foram eliminados em /e/, pois apresentaram 0% de aplicação.

O fator *labial* apresenta para /e/ o maior índice de aplicação e para /o/, um valor neutro, levando-nos a deduzir que não interfere na modificação ou preservação dessa vogal.

Os resultados relativos à *ausência de consoante precedente* mostraram-se insignificantes para /e/. O mesmo ocorre com a *coronal* para a vogal /o/. Observa-se que, tanto no contexto seguinte quanto no contexto precedente, os resultados referentes a esse fator coincidem. Desse modo, esse fator, por apresentar baixos índices, pode ser considerado o menos favorecedor à elevação de /o/. Conforme explicitado em 5.2.1.1 a tendência de a coronal preservar a elevação das médias se dá em razão de articularmos essas consoantes com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique levantada. No entanto, curiosamente, esse fator que em geral vem se mostrando neutro em regras de alçamento, apresenta valor relativamente alto para /e/, (0,51), o que fez com que voltássemos nossa atenção para os dados, os quais mostraram que há um grande número de ocorrências dos itens *sinhor* e *sinhora*, mascarando, assim, o resultado.

No que concerne às consoantes dorsais, vemos que elas se mostram favorecedoras à elevação de /o/, em palavras do tipo *guverno*, *cumpadre* e *cunversa*, por exemplo, o que coincide com outros trabalhos já realizados sobre a elevação das vogais médias pretônicas (Bisol, 1981; Silva, 1989).

Segundo Shane (1975, p.35) o dorso é a parte da língua que entra em contato com o palato mole quando as dorsais são produzidas. Consoantes como [k,g] “são articuladas na mesma região que a vogal [u]. Conseqüentemente, para as dorsais, o corpo da língua está no alto e na parte posterior”.

No modelo de Clements (1991), tanto consoantes dorsais quanto vogais posteriores são caracterizadas pelo traço [dorsal]. Tal traço restringe-se a “sons que envolvam uma constrição no centro ou dorso (em oposição à frente) da língua, assim distinguindo vogais posteriores de vogais centrais” (op. cit., p.80). É importante notar que essa definição de dorsal é uma definição de ponto de articulação que tem base nas constrições articulatorias das consoantes dorsais e das vogais, o que possibilita propor a existência de uma classe natural de segmentos dorsais. Isso faria esperar que as regras de elevação de /o/ seriam mais favorecidas do que as de /e/, fato que se confirma nos dados apresentados, uma vez que /e/ teve 0% de aplicação. Note-se que se trata da posição CV em que consoante e a vogal em estudo estão na mesma sílaba.

Assim, quando falamos em sons dorsais, estamos nos referindo a sons caracterizados por um traço posterior e alto. Embora as dorsais não tenham em sua representação o traço alto, implicitamente, no traço dorsal, a articulação alta fica entendida. O parentesco é, pois, o traço alto.

5.2 1.3 Altura da vogal da sílaba seguinte

A Tabela 4, a seguir, apresenta os resultados referentes à variável *altura da vogal da sílaba seguinte*.

**Tabela 4- Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente:
Altura da vogal da sílaba seguinte**

Fatores	Vogal /o/			Vogal /e/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Vogal média (<i>problema, elegante</i>)	212/1241	17	0,62	93/1455	6	0,75
Vogal baixa (<i>tomate, metade</i>)	23/738	3	0,31	3/774	0	0,11
TOTAL	235/1979	12		96/2229	4	

Input: 0,06

Significância: 0,008

Input: 0,01

Significância: 0,001

A Tabela 4 revela, quanto à altura da vogal da sílaba seguinte, que a *vogal média* seguinte apresenta os valores mais altos para ambas as vogais, enquanto as *vogais baixas* seguintes mostram-se inoperantes. Note-se que para ambas as vogais o percentual de ocorrência é acentuadamente baixo, apontando para a pouca ocorrência da elevação. O peso relativo, todavia, sugere que há mais probabilidade de ocorrer antes de /e, o/ do que antes de /a/, como se esperaria, pois, toda a variação da pauta pretônica concentra-se nas vogais médias.

De fato, tanto a elevação de /o/ pretônico quanto de /e/ em contexto sem motivação aparente, isto é, sem vogal alta, mostra-se pouco expressivo: 12% de aplicação em 1979 dados de /o/ e 4% de aplicação em 2229 dados de /e/.

5.2.1.4 Altura da vogal da sílaba precedente

A Tabela 5, a seguir, apresenta os resultados referentes à variável *altura da vogal da sílaba precedente*.

**Tabela 5- Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente:
Altura da vogal da sílaba precedente**

Fatores	Vogal /o/			Vogal /e/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Ausência de vogal precedente - Início de palavra- (<i>olfato, elefante</i>)	221/1510	15	0,61	68/1458	5	0,42
Vogal alta (<i>importante, interativo</i>)	7/122	6	0,50	20/207	10	0,90
Vogal média (<i>retroflexo, reflexão</i>)	1/184	1	0,05	6/411	1	0,54
Vogal baixa (<i>atolado, alegoria</i>)	6/163	4	0,31	2/153	1	0,46
TOTAL	235/1979	12		96/2229	4	

Input: 0,06

Significância: 0,008

Input: 0,01

Significância: 0,001

A Tabela 5 indica que a vogal /e/ inicial é mais preservada do que /o/. O fator *vogal alta* apresenta alto índice para /e/. No entanto, isso está relacionado ao fato de a palavra *futibol* ao invés de *futebol*, apresentar 18 ocorrências, em um total de 20, comprometendo, desta forma, a regularidade. Como vemos, a presença de vogal alta precedente não se mostra um elemento motivador de elevação.

As sílabas que apresentam vogais médias e baixas diante de /e/ apresentam valores próximos ao ponto neutro e quando antepostas a /o/ apresentam valores muito baixos, o que nos permite dizer que estes fatores não oferecem motivação para a elevação em estudo.

5.2.1.5 Distância da tônica

A tabela 6, a seguir, apresenta os resultados referentes à variável *distância da tônica*.

**Tabela 6- Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente:
Distância da tônica**

Fatores	Vogal /o/			Vogal /e/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Distância 1 (<i>tomate, perfeito</i>)	130/1248	10	0,51	91/1526	6	0,66
Distância 2 (<i>borboleta, dependente</i>)	93/585	16	0,54	3/526	1	0,16
Distância 3 (<i>corresponder, levantamento</i>)	12/115	10	0,22	2/146	1	0,48
TOTAL	235/1948	12		96/2198	4	

Input:0,06
Significância: 0,008

Input: 0,01
Significância: 0,001

Os resultados expostos na Tabela 6 mostram-se bastante diferentes para /o/ e /e/.

Para /o/, o fator *distância 2* apresenta pouco favorecimento, enquanto o fator *distância 1* mostra-se neutro e o fator *distância 3* apresenta índices muito baixos, indicando não exercer papel algum neste processo.

Para a vogal /e/, o fator *distância 1* mostra-se favorável à elevação, o fator *distância 3* apresenta valor ao redor do ponto neutro, enquanto o fator *distância 2* apresenta valores muito baixos. Curiosamente, na posição *distância 3*, observou-se que as duas únicas ocorrências se referem ao vocábulo (*tisouraria*). Novamente, o léxico parece estar comprometido.

O fator *distância 4*, em razão de apresentar poucos dados, foi eliminado por constituir *knockout* em ambas as vogais.

5.2.1.6 Tipo de sílaba

A variável *tipo de sílaba* foi selecionada pelo programa apenas para /e/, não se mostrando, portanto, relevante na elevação de /o/. No entanto, para fins comparativos, apresentaremos os resultados de ambas as vogais.

**Tabela 7- Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente:
Tipo de sílaba**

Fatores	Vogal /o/			Vogal /e/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Sílaba leve (<i>pesado</i>)	173/1278	14	0,48	94/1483	6	0,67
Sílaba pesada (<i>mensagem</i>)	62/701	9	0,54	2/746	0	0,19
TOTAL	235/1979	12		96/2229	4	

Input: 0,06
Significância: 0,008

Input: 0,01
Significância: 0,001

Conforme os índices da Tabela 7, ambos os fatores, sílaba leve e sílaba pesada, apresentam valores neutros para /o/, enquanto que para /e/, a sílaba leve mostrou-se mais favorável.

O conceito de sílaba leve (aberta) ou pesada (fechada) deriva da estrutura hierárquica da sílaba.

Battisti (1993) refere que Hogg e McCully (1987) salientam a importância dessa distinção para todos os tipos de processos fonológicos, principalmente no que se refere à atribuição de acento e à mudança lingüística. Sílabas pesadas são aquelas em que a rima se ramifica e sílabas leves são aquelas que apresentam a rima sem qualquer ramificação. Assim, pode-se dizer que, ignorando-se o ataque, a sílaba pesada possui um segmento além do núcleo, que vem a constituir a coda, a qual se encontra ausente nas sílabas leves, que devem apenas ter um segmento no núcleo.

Considerando-se que esta variável não é relevante para /o/, como referido anteriormente, os resultados de nossa análise indicam que a sílaba leve tende a favorecer a elevação da vogal /e/.

5.2.1.7 Nasalidade

A variável *nasalidade* foi selecionada como estatisticamente relevante apenas na primeira rodada de /o/, quando desconsideramos no arquivo de condições a variável *contexto fonológico precedente* e na segunda rodada de /e/, quando foi desconsiderada a variável *contexto fonológico seguinte*. A Tabela 8, a seguir, apresenta os resultados.

Tabela 8- Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente: nasalidade

<i>Fatores</i>	<i>Vogal /o/</i>			<i>Vogal /e/</i>		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Vogal Nasal (<i>conversa, mensagem</i>)	115/455	25	0,56	32/215	15	0,96
Vogal Oral (<i>corrente, mesada</i>)	120/1524	8	0,47	64/2014	3	0,42
TOTAL	235/1979	12		96/2229	4	

Input: 0,06
Significância: 0,008

Input: 0,01
Significância: 0,002

Observando-se, na Tabela 8, comparativamente, os fatores *vogal oral* e *vogal nasal*, constata-se que os índices da vogal nasalizada sobressaem.

A classificação de um som como nasal diz respeito ao caminho percorrido pela corrente de ar que sai dos pulmões.

Um segmento [+ nasal] é produzido com o abaixamento do véu palatino, permitindo que o ar passe livremente pela faringe nasal.

Já os segmentos [- nasal] são produzidos com a passagem do ar através da cavidade oral, pelo levantamento do véu palatino, que impede o fluxo de ar de percorrer a cavidade nasal.

Diferentemente de outros estudos sobre a elevação das médias pretônicas que apontaram papel relevante da nasalidade apenas para /e/ (Bisol, 1981) entre outros, esta análise mostrou que a nasalidade de modo geral tende a favorecer a elevação da vogal da sílaba em que se encontra.

5.2.2 Variáveis extralingüísticas

As variáveis extralingüísticas consideradas estatisticamente relevantes pelo programa foram *gênero* e *grau de escolaridade*, sendo que a primeira foi considerada relevante apenas para a vogal /o/. A seguir, serão apresentados os resultados.

5.2.2.1 Gênero

A variável *gênero*, como referido anteriormente, foi selecionada pelo programa apenas para a vogal /o/, não se mostrando relevante para /e/ em função de apresentar resultados ao redor do ponto neutro. A Tabela 9, a seguir, apresenta os resultados referentes a essa variável.

Tabela 9- Alçamento da vogal média pretônica /o/ sem motivação aparente: Gênero

Fatores	Aplic./Total	%	Peso relativo
Homem	151/1023	15	0,60
Mulher	84/956	9	0,39
TOTAL	235/1979	12	

Input:0,06

Significância: 0,008

A Tabela 9 mostra que há um comportamento diferente entre homens e mulheres quanto ao uso da vogal como média ou alta. Conforme o resultado apresentado acima se percebe que os homens tendem a elevar mais essa vogal do que as mulheres. Nos estudos sociolinguísticos, admite-se essa conduta linguística distinta para a variável gênero.

De modo geral, vem sendo atribuída às mulheres a propensão de favorecer o emprego de formas mais prestigiadas nos meios sociais quando está em jogo a variação estável. No caso de implementação de inovação linguística, as mulheres lideram o processo se a forma for prestigiada. Do contrário, os homens assumem o papel inovador. As variáveis não prestigiadas, ou seja, estigmatizadas, têm a característica de serem alvo de comentários depreciativos na comunidade, o que não é o caso do processo em estudo.

Esse comportamento diversificado tem sido relacionado às diferenças no processo de socialização entre homens e mulheres. A preferência das mulheres à norma de prestígio é justificada pelo fato de essas não participarem das mesmas oportunidades que aos homens são oferecidas e, por isso, tenderem a salientar-se socialmente através de seu comportamento, incluindo o lingüístico. Também se pode dizer que o processo de escolarização atua mais fortemente sobre mulheres que sobre homens numa sociedade em que à mulher cabem papéis que exigem uma conduta exemplar, como o de educadoras de seus filhos, o que as leva a serem mais cuidadosas em relação às normas de comportamento aceitas pela sociedade. Entretanto, em nossos dias, as mulheres estão conquistando um espaço cada vez maior no mercado de trabalho, sobressaindo-se, em muitas culturas, por sua atuação profissional.

Silva (1989) e Castro (1990), ao estudarem as médias pretônicas, confirmam as tendências mencionadas acima. Segundo Silva, na fala de Salvador, as mulheres aplicam mais a regra sempre que estiver em jogo o fator prestígio. O mesmo foi verificado por Castro, em Juiz de Fora. É importante observar que sua amostra é constituída de dados da fala culta, onde o papel de preservação da norma de prestígio poderia ser desempenhado por mulheres.

Os resultados obtidos por Bisol (1981) para o dialeto gaúcho, mostraram-se bastante diversificados, o que não permitiu conferir à variável *gênero* uma função na regra que eleva a pretônica por harmonização.

Em nossa análise, no entanto, os homens elevam mais as pretônicas do que as mulheres, o que atribuiria a eles o papel de inovadores e às mulheres, de preservadoras das formas tradicionalmente tidas como cultas.

5.2.2.2 Grau de escolaridade

A Tabela 10, a seguir, apresenta os resultados para a variável *grau de escolaridade*.

**Tabela 10– Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente:
Grau de escolaridade**

Fatores	<i>Vogal /o/</i>			<i>Vogal /e/</i>		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Fundamental	157/1178	13	0,57	66/1351	5	0,55
Médio	78/801	10	0,40	30/878	3	0,42
TOTAL	235/1979	12		96/2229	4	

Input: 0,06
Significância:0,008

Input:0,01
Significância: 0,006

A Tabela 10 apresenta resultados semelhantes quanto à variável *escolaridade*. De acordo com os valores apresentados em ambas as vogais, os informantes com Ensino Médio tendem a preservar mais a elevação, o que nos permite inferir que elevam mais as pretônicas sem motivação aparente os falantes menos escolarizados em oposição aos mais escolarizados.

Esse resultado já era esperado, pois se acredita que a ortografia tenha influência sobre o fenômeno pesquisado. Desse modo, indivíduos que tiveram maior acesso à escrita tendem a aproximar mais sua fala dessa modalidade, ao contrário dos que foram menos expostos a ela. Essa constatação está muito presente na literatura da harmonização vocálica e de outros fenômenos fonológicos que não envolvem (ou que envolvem pouca) consciência por parte do falante, diferentemente do que ocorre com a variável em estudo que é de uso escasso na amostra analisada, como se pôde observar em todas as tabelas discutidas.

Por fim, apresentamos na Tabela 11, o resultado total desta análise, que diz respeito à amostra representativa de Porto Alegre.

**Tabela 11- Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente:
Aplicação**

	Aplicação	Não aplicação	Total de ocorrências	Total de aplicação em %
Vogal /e/	96	2133	2229	4
Vogal /o/	235	1744	1979	12
TOTAL	331	3877	4208	

A Tabela 11 nos mostra que de 2.229 ocorrências de /e/ em posição pretônica, apenas 96 elevaram-se, o que corresponde a 4% de aplicação. Índice também baixo ocorre com a vogal /o/, a qual apresentou 1.979 ocorrências, das quais, apenas 235 elevaram-se, correspondendo a 12% de aplicação.

Esses resultados eram esperados, pois de oitiva, reconhece-se que na variedade sulina, representada, neste estudo, pela fala de Porto Alegre, raros são os casos de elevação da média fora do contexto de vogal alta. Palavras como *cibola* por *cebola*, *simana* por *semana*, são raras, assim como não são usuais, *tumate* e *buneca*.

Os baixíssimos índices de elevação da pretônica sem motivação aparente estão a dizer que esta regra não existe no sistema de variação do Sul, diferentemente do que ocorre com a regra de harmonização vocálica. O baixo percentual de ocorrência leva-nos a crer que se trata de variantes que, modestamente, aparecem no léxico. Por outro lado, considerando-se o papel nada relevante das variáveis contextuais, cujos fatores, na maioria das vezes, exibem valores baixos ou neutros nas diferentes tabelas, podemos supor que estamos diante de um processo que vem aparecendo timidamente no léxico.

6 CONSIDERAÇÕES À LUZ DA DIFUSÃO LEXICAL

Ao iniciarmos esta pesquisa, suspeitávamos que a elevação da vogal média pretônica sem motivação aparente teria pouca aplicação no dialeto gaúcho, diferentemente do que ocorre em outros dialetos, como, por exemplo, no nordestino (Silva, 1989), no mineiro (Oliveira, 1991) entre outros. Queríamos ver se essa pouca elevação teria caráter de regra variável.

A análise mostrou que poucos são os itens lexicais atingidos e que os raros contextos favoráveis não mostram força de condicionadores, pois não há fator algum ou grupo de fatores que expressivamente se mostre condicionador por excelência do uso de vogal alta no lugar de vogal média. Existe variação, mas limitada a certos itens. Então fica uma pergunta: A variação encontrada é uma regra do estilo neogramático ou é uma variação lexical incipiente?

6.1 AS PROPOSTAS NEOGRAMÁTICA E DIFUSIONISTA

A variação na pretônica em termos de Harmonização Vocálica já foi analisada tanto como um fenômeno neogramático, como por exemplo, em Bisol (1981), Silva (1989), entre outros, quanto como um fenômeno puramente difusionista, como em Oliveira (1991), passando por análises intermediárias, como em Viegas (1987). Neste último caso, o rótulo se deve ao fato de a análise apresentar como ponto chave uma regra de natureza neogramática, seguida de comentários de natureza difusionista.

Para a proposta neogramática uma mudança sonora que ocorra em um determinado segmento da língua, em dado contexto, tende a afetar todas as palavras da língua, desde que satisfaçam as suas condições estruturais. Por condição estrutural entende-se o ambiente ou contexto que condiciona a mudança sonora. Na perspectiva neogramática, portanto, se numa determinada língua a vogal [o] átona final muda para [u] em dado contexto, então toda e qualquer palavra que tenha [o] átono final sofrerá essa mudança, no contexto favorecedor. Segue-se com isto que a mudança sonora é regular e afeta a todos os itens lexicais da língua (desde que as condições específicas que a regem sejam satisfeitas). Obviamente, a mudança sonora é abrupta, mas implementada gradualmente.

A proposta neogramática foi formulada em oposição a uma das propostas dialetologistas que sustentava a tese de que cada palavra tem sua própria história. Também foi uma reação aos modelos sincrônicos que não destinavam espaço à variação. Surgiu como um princípio metodológico forte, o qual tem regido de maneira quase que ortodoxa os trabalhos em fonologia diacrônica, e desde Labov (1969) em fonologia sincrônica.

Uma concepção diferente de mudança sonora é apontada pelos adeptos do modelo de difusão lexical. Nesta visão, o papel do léxico na mudança fica destacado. Assim, Wang (1969) argumenta que a mudança fonológica pode ser implementada de maneira foneticamente abrupta e lexicalmente gradual, o oposto da visão neogramática. A proposta enfatiza o papel do léxico na mudança. Constatam os difusionistas que existem muitas “exceções” aos processos descritos na literatura, o que tomam como argumento para atribuir ao léxico o papel de seleção e restrição à aplicação das regras.

Oliveira (1992) diz que, embora as análises de inclinação neogramática privilegiem o efeito fonético na implementação de uma mudança sonora e as análises de inclinação difusionista privilegiem o controle lexical, uma análise séria não deve ignorar as razões do modelo oposto. Por exemplo, por mais neogramática que seja a análise, ninguém irá dizer, seriamente, que todas as palavras de uma determinada classe de palavras tenham sido alteradas ao mesmo tempo por uma regra do tipo X.

Do mesmo modo, segundo Oliveira, por mais difusionista que seja uma análise, não há como ignorar que certas coincidências fonéticas sejam coincidentes demais para serem ignoradas. Na verdade, a diferença entre estas duas abordagens, naquilo que se refere ao papel do léxico nas mudanças sonoras, se resume na ordenação relativa dos efeitos lexical e

fonético. Por exemplo, é interessante observar que lingüistas de inclinação neogramática resistem à idéia do léxico como controlador primário de uma mudança sonora, mas não à idéia de que, uma vez disparada, a mudança possa ser implementada lexicalmente (Oliveira, 1991). Do mesmo modo, nenhum trabalho de inclinação difusionista dirá que o contexto fonético não deva ser levado em conta, o que não se aceita é que sejam a única explicação para uma determinada mudança sonora. Pode-se dizer, portanto, que a diferença básica entre os dois modelos analíticos reside na escolha do controlador principal e do controlador secundário de uma mudança. Para o modelo Neogramático temos: 1º) Fonético, 2º) Lexical; enquanto para o modelo Difusionista temos 1º) Lexical e 2º) Fonético.

Oliveira afirma que cada som é uma mudança em potencial por suas propriedades individuais, mas há sons mais propensos à mudança do que outros.

No que concerne à pesquisa que estamos apresentando, a análise revelou que a vogal /o/ é mais sensível à elevação do que /e/, o que pode ser explicado articulatoriamente ou através do diagrama universal das vogais cardeais (Jones, 1957). A distância entre /o/ e /u/ é menor do que entre /e/ e /i/ em virtude do trato vocal (Bisol, 1981). Por conseguinte, a variação [o] ~ [u] na pretônica, mais freqüente que [e] ~ [i], no caso em estudo, tem uma explicação que a fonética articulatória oferece. Todavia, outras motivações são necessárias para que venha a ser implementada, as quais podem ser tanto de ordem lexical quanto de ordem fonética.

Na tentativa de apontar quais seriam os itens lexicais mais propensos a serem atingidos primeiro por uma mudança sonora, Oliveira (1991) caracterizou-os como sendo [+comum] (por oposição a [-Comum] ou [+Próprio]), e como sendo palavras que ocorressem em estilos informais de fala. É evidente que esta proposta não afirma que:

- a) Nomes [-Comum] não podem apresentar alçamento;
- b) Nomes [+Comum] sempre apresentarão alçamento.

Nossa pesquisa não se ateve a fatores dessa ordem. Todavia, vale observar o que tem sido dito a respeito disso.

Uma das propostas apresentadas na literatura para apontar as primeiras vítimas de uma mudança, no que se refere aos itens lexicais, é aquela que se utiliza da noção de freqüência para se caracterizar os itens mais expostas a uma mudança. No geral, podemos dizer que estas

propostas apontam os itens mais freqüentes como sendo os mais expostos. Um dos primeiros trabalhos nesta linha é de Leslau (1969), sobre mudanças em línguas da Etiópia, que teve por objetivo apontar para sensibilidade à mudança sonora de palavras de uso comum: “The purpose of the present article is to demonstrate, from evidence in the various Ethiopian languages, how certain phonetic changes that normally occur in the languages affect the frequently used words more than the less frequently used words”. (LESLAU, 1969, p.181).

Leslau utiliza a noção de freqüência relativa e não de freqüência absoluta, muito embora reconheça que sua análise falha por tentar determinar esta freqüência relativa “de ouvido”.

Phillips (1984) também tenta responder a essa questão argumentando que, para as mudanças fisiologicamente motivadas, as primeiras atingidas são as palavras mais freqüentes e, para as mudanças não fisiologicamente motivadas, as primeiras a serem atingidas são as palavras menos freqüentes.

Quanto à pesquisa em questão, constatamos de fato, que as palavras que mais alçam são aquelas consideradas mais familiares, mais comuns e de uso freqüente, como, por exemplo: *cumpadre, cumadre, sinhora, piquena, futibol*.

Oliveira, no entanto, propõe que o traço [Freqüência] não seja atribuído à palavra como traço absoluto, nem como traço relativo. Em vez disto, o autor propõe que o traço [Freqüência] seja atribuído ao item lexical como uma função da freqüência do contexto onde este item lexical vai ocorrer. Uma vez que a freqüência do contexto que comporta uma determinada palavra não é a mesma de falante para falante, é de se esperar que a marcação de um determinado item lexical como [+ ou - Freqüente] também não seja idêntica de falante para falante, ou de comunidade para comunidade. Assim, segundo Oliveira, podemos preservar a idéia de que o traço [Freqüência] tenha algo a ver com a exposição dos itens lexicais a uma determinada mudança, isto é, itens [+ Freqüentes] são mais expostos do que itens [- Freqüentes] sem ter que marcar um determinado item léxico sempre do mesmo modo: ele será marcado como + ou – dependendo da freqüência do contexto onde ele ocorre na “práxis” lingüística dos falantes individuais (ou de grupos de falantes). Da mesma forma, podemos dizer que o traço [Formalidade] seja derivado da empatia entre falante e o contexto onde sua fala é produzida. Assim, nenhum item léxico será marcado como [+/- Formal] por

natureza ou por comparação: este traço será atribuído a partir da marca a ser atribuída à situação de fala.

É evidente, como diz Oliveira, que sua proposta aponta para opções específicas que só cabem no estudo da variação na enunciação.

Assim, diz Oliveira:

Continuaremos a dizer que o léxico controla as mudanças sonoras, abrindo ou fechando as portas à sua implementação, ou acelerando x retardando a sua implementação. Só que veremos o léxico como um conjunto de traços que são construídos caso a caso, nas situações concretas de interação verbal, e não como algo previamente determinado, que não pode ser alterado. Preservamos, portanto a plasticidade do léxico. (OLIVEIRA, 1995, p 10).

Viegas (1987), ao estudar o alçamento das vogais médias pretônicas em Belo Horizonte, busca enquadrar o processo de alçamento no modelo que melhor o descreva e explique.

Observa a autora que a mudança atinge os itens gradualmente, palavra por palavra, e os primeiros itens a serem atingidos pela mudança são os mais familiares.

A autora considera que o modelo difusionista explica melhor o processo que o modelo neogramático, porque admite a postulação de regras com um efeito neogramático para alguns tipos de mudança (para as que os fundadores do modelo neogramático chamavam de mudança sonora, aquelas regulares) e, além disso, abrange outros tipos de mudanças (aquelas que os neogramáticos chamavam de mudanças esporádicas não favorecidas por fatores fonéticos apenas). No modelo difusionista, segundo Viegas, as ‘exceções’ não são vistas como problemas, pois sendo lexical a seleção da mudança é gradual, portanto, nem todos os itens tem o mesmo comportamento. Também diz que o modelo difusionista descreve melhor o fato, porque permite uma análise do uso e da valoração social dos itens, dando conta da complexidade do processo de mudança, no qual atuam fatores sociais e internos. Esta opção difusionista implica que mudanças ocorram item a item, através do léxico, e não abruptamente, pois fatores semânticos, fatores relacionados com a frequência do item, fatores relacionados com a valoração social do item podem estar envolvidos no processo de mudança.

Oliveira (1991) estudou o alçamento de /e/ e /o/ pretônicos no português de Belo Horizonte, em sua tese de doutorado. A partir deste estudo, o autor sugere que todas as mudanças sonoras são de natureza difusionista, não havendo, portanto, processos de natureza

neogramática, o que, mais tarde, passa a considerar uma hipótese forte demais para os casos de mudança sonora. Segundo o autor, o que se encontra na variação da pretônica do português é um exemplo de processo fonológico que parece refratário a um controle fonético bem sucedido.

Assim, se encontramos pronúncias categóricas como b[u]nita e c[u]mida, ou m[i]nino e s[i]mestre, encontramos também pronúncias categóricas como c[o]mício e c[e]bola. Neste caso, nenhum efeito fonético claro foi encontrado para o alçamento das vogais médias pretônicas. Se por um lado, parecia haver uma espécie de harmonização vocálica, com a vogal tônica alta favorecendo o alçamento da vogal pretônica média, por outro lado havia vários casos onde o alçamento se dava mesmo na ausência de uma vogal tônica alta, como em p[i]queno, s[i]mestre, f[u]gão., etc. De qualquer forma as pessoas frequentemente me apontavam o fato de haver muita coincidência de efeitos fonéticos, no caso, a presença de uma vogal tônica alta, sobre este processo de mudança, o que acabava sugerindo uma análise neogramática clássica. (OLIVEIRA, 1995, p. 10).

Oliveira (1992, p.35) responde à crítica acima dizendo que o contexto fonético atua somente *a posteriori*, fixando relações harmônicas entre os elementos envolvidos numa mudança sonora, e não *a priori*, como condicionador/disparador de uma mudança.




Nesse mesmo trabalho, o autor sugere também que “o comportamento do indivíduo é mais homogêneo do que o comportamento do grupo e que o comportamento individual deva ser checado para todos os itens lexicais”. Seu objetivo era, portanto, o de acrescentar à dimensão lexical uma dimensão individual para as mudanças sonoras.

Parece que em Oliveira há o neogramático e o difusionista ao mesmo tempo, embora o lado difusionista prepondere.

Voltando ao nosso estudo, apresentaremos, a seguir, as palavras em que ocorreu a elevação, separando-as em grupos de palavras e palavras isoladas.

OCORRÊNCIAS 1: Grupos de palavras que alçaram – vogal /o/

	PALAVRA	OCORRÊNCIAS	
		Vogal Alta	Vogal Média
GRUPO 1	acuntece	2	5
	acuntecer	1	6
	acuntecia	1	2
GRUPO 2	butar	1	4
	butava	1	11
GRUPO 3	chuvendo	1	0
	chuver	1	1
	chuveu	1	1
GRUPO 4	cumeça	5	2
	cumeçando	2	2
	cumeçar	2	3
	cumeço	4	6
	cumeçou	5	5
	cumecei	10	8

GRUPO 5		cumendo	3	2
		cumer	7	2
GRUPO 6		cunheço	14	9
		cunhece	16	2
		cunhecem	2	0
		cunhecendo	2	0
		cunhecer	7	1
		cunheceram	1	2
		cunheceu	1	1
		cunheci	8	3
		cunhecia	6	1
		cunhecíamos	1	0
		cunhecida	4	2
		cunhecidas	1	0
		cunhecido	5	0
		cunhecimento	6	9
cunhecimentos	2	0		
GRUPO 7		cunsegue	1	6
		cunsegui	2	3
		cunseguia	1	0

GRUPO 8	cunversa	16	1
	cunversando	5	8
	cunversar	8	5
	cunversas	1	0
	cunversava	2	1
	cunversei	1	2
	cunverso	1	0

GRUPO 9	fugão	1	2
	fugueira	1	0

GRUPO 10	governado	1	0
	governador	2	2
	governo	10	5
	governos	3	0

GRUPO 11	istufador	1	0
	istufaria	5	1

GRUPO 12	Mustardeiro	1	0
	Mustardeiros	1	0

GRUPO 13		sussegado	2	0
		sussego	1	0

OCORRÊNCIAS 2: Palavras isoladas – vogal /o/

PALAVRA	OCORRÊNCIAS	
	Vogal Alta	Vogal Média
1) aglomerado	1	0
2) aposentado	1	3
3) bunecas	1	2
4) cobertura	1	0
5) culégio	1	38
6) cumadre	1	0
7) cumentado	1	0
8) comércio	1	22
9) cumpadre	1	0
10) complementar	1	2
11) futografia	2	8
12) mulecagem	1	0
13) purcento	12	0
14) refugado	1	2
15) sutaque	6	0
16) Subrevivência	1	3
17) tumate	1	9

OCORRÊNCIAS 3: Grupos de palavras que alçaram – vogal /e/

PALAVRA	OCORRÊNCIAS		
	Vogal Alta	Vogal Média	
GRUPO 1 {	piquena	12	0
	piquenas	1	0
	piqueno	6	5
	piquenos	2	2
GRUPO 2 {	sinhor	13	1
	sinhora	18	2
	sinhoria	1	0

OCORRÊNCIAS 4: Palavras isoladas que alçaram – vogal /e/

PALAVRA	OCORRÊNCIAS	
	Vogal Alta	Vogal Média
1) aparicer	1	0
2) dimais	2	1
3) dipois	7	53
4) futibol	18	0
5) ivolui	1	0

6) marcineiro	1	0
7) Montinegro	2	0
8) novicentos	5	1
9) pisada	1	2
10) priferi	1	1
11) sobrimesa	1	0
12) supimercado	1	18
13) tisouraria	2	0

Como se pode observar, os dados revelam que o alçamento de /e/ só ocorre esporadicamente, enquanto /o/ mostra um indício de difusão lexical ao envolver palavras do mesmo paradigma derivacional. Ao interpretar esse caso como indício de difusão lexical, poder-se-ia atribuir um papel à analogia: o alçamento da vogal sem motivação aparente estaria ocorrendo por analogia à pretônica que se torna alta por harmonização vocálica. Então, a vogal média em estudo apareceria também como alta na ausência do condutor.

Vale lembrar que não foram consideradas em nossa pesquisa palavras com vogal alta em sílaba subsequente, para evitar contextos de harmonia vocálica (*pepino, coruja*). Também foram desconsideradas palavras iniciadas por *eN*, *eS* e prefixo *des*, para evitar contextos de alçamento quase categórico (*entulho, estudo, desliga*) e palavras com vogais em seqüência que formam ditongo ou hiato (*reunir, teatro*), pois tivemos por objetivo verificar a variação sem motivação aparente, ou seja, sem condicionadores já consagrados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa que tem por meta a descrição da elevação das vogais médias pretônicas em contexto sem motivação aparente, desenvolveu-se à luz da Teoria da Variação, discutindo os resultados sob esta perspectiva e também sob a perspectiva da Difusão Lexical.

Os resultados mostraram que a elevação das médias pretônicas sem motivação aparente tem pouca aplicação no dialeto gaúcho, especificamente, na amostra analisada que representa a fala de Porto Alegre. Houve 2.229 ocorrências da vogal /e/, das quais apenas 96 elevaram-se, o que corresponde a 4% de aplicação. A vogal /o/, semelhantemente, apresentou 1.979 ocorrências e apenas 235 elevaram-se, correspondendo a 12% de aplicação.

As variáveis selecionadas e analisadas (Contexto Fonológico Seguinte, Contexto Fonológico Precedente, Altura da Vogal da Sílabla Seguinte, Altura da Vogal da Sílabla Precedente, Distância da Tônica, Tipo de Sílabla, Nasalidade, Gênero e Grau de Escolaridade) consideradas estatisticamente relevantes pelo programa, não mostraram papel significativo na elevação das pretônicas, uma vez que os fatores, na maioria das vezes, apresentaram valores baixos ou neutros nas diferentes tabelas expostas.

Alguns fatores exibiram valores altos, no entanto, ao voltarmos nossa atenção para os dados, percebemos que, de modo geral, o resultado apresentado referia-se a certos grupos de palavras, comprometendo, assim, a regularidade.

Esses resultados eram esperados, pois, como mencionado anteriormente, reconhece-se que na variedade sulina, representada, neste estudo, pela fala de Porto Alegre, são raros os casos de elevação da vogal média fora do contexto de vogal alta, onde a Harmonização Vocálica opera.

Tudo indica que não estamos diante de uma regra no estilo neogramático, como a Harmonia Vocálica, mas diante de um processo que aparece modestamente no léxico como se fosse por ele controlado, pois, na vogal /o/, em que se faz relativamente mais presente, a elevação tende a envolver todo o paradigma a que pertence a palavra que mostra a vogal

média convertida em vogal alta. Os registros de elevação ficaram, de fato, limitados à vogal /o/. A vogal /e/ apresentou-se escassamente como alta nos dados.

Isso pode ser tomado como indício de que a elevação sem motivação aparente seja um caso de difusão lexical, nas linhas defendidas por Oliveira (1991), embora nos dados descritos se manifeste timidamente. Eis aí mais um fato em que o português do Sul se mostra preservador diante de outras variedades do Português Brasileiro. Assim encerramos este estudo com a certeza de que estamos oferecendo uma contribuição, ainda que modesta, para a descrição do Português do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BATTISTI, E. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras)-Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1993.
- BISOL, L. **Harmonia vocálica: uma regra variável**. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BISOL, L. BRESCANCIONI, C. R. (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BORTONI et al. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, UNICAMP, n.20, 1991.
- CALLOU, D. LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. **Organon**, Porto Alegre, n.18, p.71-89, 1991.
- CALLOU, D.; LEITE, Y., COUTINHO, L. & CUNHA, C. Um problema na fonologia do português: variação das vogais pretônicas. In: PEREIRA, C.da C. & PEREIRA, P. R. D. (Orgs.). **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.59-70, 1995.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. A elevação das vogais pretônicas no Português do Brasil: processo(s) de variação estável. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: EDIPUCRS, v.37, n.1, p.9-24, 2002.
- CÂMARA Jr., J. M. **Princípios de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- _____. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CARDOSO, S. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, V. A. (Org.). **Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos**. Londrina: UEL, 1999.
- CASAGRANDE, Graziela Pigatto Bohn. **Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real** Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- CASTRO, E. C. **As pretônicas na variedade mineira de Juiz de Fora**. 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Departamento de Linguística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- CEDERGREN H. J., SANKOFF, D. Variables rules: performance as statistical reflection of competence. **Language**, v.50, n.2, p.333-355, 1974.

CHEN, M.; WANG, W.S.Y. Sound change: actuation and implementation. **Language** 51(2), p. 255-281, 1975.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Harper, 1968.

CHOMSKY, Noam. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Caminho, 1994.

CLEMENTS, G. N. Phonetic and phonological studies on vowel features. **Working papers of the Cornell Phonetics Laboratory**, n.5, p.77-123, 1991.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH (Ed.). **The handbook of phonological theory**. Cambridge: Blackwell, 1995.

CRISTÓFARO, SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 2 ed. , São Paulo: Contexto, 2001.

FARACO, C. **Linguística Histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

GUY, G. R. VARBRUL: Análise avançada. Tradução de Ana Maria Stahe Ziles. In: MATTE, N. (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre: UFRGS, 1998, p.27-49.

HAEGEMAN, Liliane. **Introduction to government and binding theory**. Oxford: Blackwell, 1991.

HOGG, R. and MC CULLY, C. B. **Metrical phonology: a course book**. Cambridge University Press, 1987.

JONES, Daniel. **An Outline of English Phonetics**. 8 ed. Cambridge: Heffer & Sons, 1957.

LABOV, W. **The social stratification of English in the New York City**. Airlington: Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. Contraction, Deletion, and Inherent Variability of the English Copula. In: LABOV, W. **Language in the inner city: the Black English Vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 65-129, 1972a.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

_____. The social origins of sound change. In: LABOV, W. **Locating Language in Time and Space**, New York, Academic Press, 1980.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language, Variation and Change**, n.2, 1991.

LANGACKER, Ronald. **A linguagem e sua estrutura**. Tradução de Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1972.

LESLAU, Wolf, Frequency as determinant of linguistic change in the Ethiopian languages. **Word**, n. 25, p. 180-189, 1969.

MAIA, Vera. Vogais pretônicas médias na fala de Natal. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, v. 5, n.1, 1986.

MEILLET, A. **Linguistique historique el linguistique générale**. 2 ed. Paris: Libraire Ancienne Honoré Champion, 1948.

MOLLICA, M.C. **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

OLIVEIRA, F. **A gramática da linguagem portuguesa**: introdução, leitura atualizada e notas por Maria Leonar Carvalho Buesco. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1975 [1536].

OLIVEIRA, Marco Antônio de. The neogrammarian controversy revisited, In: **International Journal of the sociology of language**, Berlin, v. 89, 1991.

OLIVEIRA, M. A.de. Aspectos da difusão lexical. In: **Revista de Estudos da Linguagem**. FALE: UFMG: Belo Horizonte, p.31-41, 1992.

_____. O léxico como controlador das mudanças sonoras. **Revista de Estudos da Linguagem**, FALE: UFMG: Belo Horizonte, 1995.

PHILLIPS, B. S. Word frequency and the actuation of sound change. **Language**, v. 60, n. 2, 1984.

PINTZUK, S. **VARBRUL programs**, [s.l.:s.n.], 1988.

ROMAINE, S. **Social-historical linguistics**: It status and methodology. Cambridge: CUP, 1982.

ROSSEAU, P.; SANKOFF, D. Advances in variable rule methodology. In: ROSSEAU, P.; SANKOFF (Orgs.). **Linguistic variation**: models and methods. New York: Academic Press, p.57-69, 1978.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHWINDT, L. C. S. **Harmonia vocálica em dialetos do Sul do País**: uma análise variacionista. 1995. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

_____. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L., BRESCANCINI, C.R. (Orgs.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 161-182, 2002.

SILVA, M.B. **As pretônicas no falar baiano**. 1989 Tese (Doutorado)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SHANE, S. A. **Fonologia gerativa**. Tradução de: A. S. da Rocha; H. M. Camacho, J. Mallas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SCHERRE, Maria Marta P. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores**. [s.l.:s.n.], 1992.

TARALLO, F.A. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo, Ática, 1986.

TAVARES, José Pereira. **Antologia de textos medievais**: seleção, introdução e notas. 2. ed., Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1961.

VIEGAS, M. C. **Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística**. Dissertação (Mestrado)—Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

_____. **O alçamento das vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. Tese (Doutorado)—Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

WANG, W. S. Y. Competing changes as a cause of residue. In: **Language**, 45(1), p. 9-24, 1969.

APÊNDICE A – Lista de palavras que constituíram o *corpus*

Vogal Pretônica /e/

abençoada	1	aprendendo	2
acender	1	aprender	4
acertada	1	aprendeu	2
acertar	1	apresenta	4
acertava	1	apresentação	8
acertou	1	apresentar	2
aconselhamos	1	apresentaram	6
acontecendo	3	apresentei	2
acontecer	9	apresentado	1
aconteceram	1	arejar	2
aconteceu	8	argumentação	1
acrescenta	1	arrebentar	2
acrescentadas	2	arregalado	1
acunteceu	1	arrependeram	2
adolescência	6	arrependeres	2
adolescente	1	arrependeu	2
aglomerado	1	arrependi	2
agressões	1	arrependimento	2
alegações	1	arrependo	2
alegórico	1	artesanais	1
alegrenses	1	assembléia	1
alemã	2	assembléias	1
alemães	1	assessorado	1
Alemanha	1	atenção	4
alemão	1	atender	1
alertamento	1	atravessada	1
alertar	1	atravessando	1
alertou	1	atravessar	1
alevantou	1	atropelada	2
Alexandre	3	atropelando	1
alvenaria	1	aumentaram	1
anedota	2	aumentou	1
anestesia	1	avental	1
anestesista	1	bebedeira	2
aniversário	9	beleza	5
aparecesse	1	beneficente	1
apareceu	3	Beneficência	1
aparentar	1	benefício	1
aparentava	1	Benjamin	5
aparentemente	2	besteira	5
aparicer	1	bilheteria	1
apegada	1	bofetada	1
aperfeiçoando	1	cabeçote	1
apertado	1	caderneta	1
apetrecho	1	camelo	1
aposentado	1	camelo	1
aposentei	2	Carrefour	1
		carregava	1

castelão	1	conhecemos	1
castelhano	1	conhecer	2
categoria	3	conheceram	2
catequese	2	conselheiros	1
cebola	15	consertada	1
cenário	1	consertando	1
cenoura	1	consertar	1
centenário	2	consertasse	1
centralizar	1	conservada	1
cercado	1	conservava	1
cercaram	1	considerado	1
certamente	1	convencer	1
certeza	2	conversando	8
cerveja	3	conversão	1
cesárea	1	conversar	5
cesariana	1	conversei	2
chegada	3	corredor	3
chegado	2	corredores	2
chegamos	1	correspondência	1
chegar	3	corretamente	2
chegaram	1	crescendo	3
chegasse	1	crescer	6
chegava	5	cresceram	2
chegou	3	cresceu	1
cheveti	1	cumeçando	2
cinderela	1	cumeçar	2
coleção	1	cumecei	7
começamos	3	cumeçou	3
começando	2	cumentado	1
começaram	4	cumplementa	1
começava	1	cunhecendo	2
comecei	9	cunhecer	2
começou	5	cunheceram	1
comemora	2	cunversando	4
comendador	1	cunversar	8
comentário	1	cunversava	2
comentários	1	cunversei	1
comentei	1	debate	1
comparecer	2	debater	1
compensação	1	debates	1
competência	1	debocham	1
complementa	1	debochando	1
complementação	2	debochava	1
complementar	4	decair	1
complementos	1	decepção	2
completamente	11	decorar	1
completar	2	decorrência	5
concretamento	1	defazagem	2
condensado	1	defeito	1
confeção	1	defeitos	1
conferencias	1	defesa	4
congelar	1	delegacia	10
congelou	1	delegado	4
congregar	1	demais	1

democracia	2	dispois	1
demônio	1	diversão	1
demonstradora	1	diversões	2
demorado	1	documentário	1
demoram	1	documentários	1
demorar	1	economia	1
demoravam	1	econômica	3
demorei	1	econômico	2
departamento	2	ecônomo	1
depende	7	efeitos	2
dependendo	8	Eldorado	1
dependente	2	eleição	2
dependi	1	eleita	1
depois	53	eleito	5
depósito	2	elementar	6
depredação	2	elemento	2
depressa	1	elementos	4
derramar	2	elétrica	1
derrame	7	eletricidade	1
descemos	1	elétrico	1
descendo	1	eletrodoméstico	2
descer	2	eletrônica	10
desceram	1	eletrônico	2
desejar	2	elevação	2
desejo	1	elevada	2
desenha	1	elevado	2
desenho	5	elevador	2
desenhos	3	elogia	2
destacamento	1	elogiam	1
detalhe	1	elogios	1
detalhes	1	emergência	2
detergente	2	emoção	2
determinada	1	emocionada	3
determinado	1	empregada	2
detesto	1	empregado	2
devagar	1	empresário	3
devemos	1	empresários	1
deveria	2	emprestado	1
deveriam	1	energia	2
devolver	1	energias	1
devota	1	enérgicas	1
dezembro	7	entendendo	1
diferença	7	errada	5
diferenciadas	1	erradas	1
diferente	24	errado	14
diferentes	1	errei	1
dimais	2	escabelava	1
dipois	7	esperar	1
diretamente	2	esperava	1
diretora	4	etapa	1
diretores	1	eternas	1
diretoria	3	evangelho	2
diretório	1	evangélica	1
dispertou	1	evangélicas	2

evangelista	2	Germano	1
evangelização	1	governador	2
evangelizadores	1	governado	1
evento	1	governador	2
eventos	1	hepatite	1
eventualmente	5	herança	1
evidentemente	4	hereditário	1
evolução	2	Herondina	1
evoluindo	1	honeroso	1
evoluíram	1	honestamente	1
evoluiu	1	hospedou	1
exemplar	2	imagrecendo	1
experiência	1	imperfeitos	1
expressão	3	impregada	1
expressar	1	impregado	2
extremamente	1	impregados	1
faleceram	2	impregar	2
faleceu	12	impresário	1
favorecendo	1	impressão	1
Febem	1	imprestei	1
Febernati	2	incarregado	1
fechada	6	incompetência	2
fechado	6	inconseqüente	1
fechadura	1	integração	2
fechar	1	integrado	1
federação	4	interessa	1
federal	14	interessando	2
fenômenos	1	interessante	6
fermento	4	interessava	2
Fernando	1	interesse	2
ferragem	1	interesse	1
fervendo	2	interferi	1
festança	1	intermédio	1
festeira	2	internacional	3
fevereiro	8	interpretada	2
Frederico	1	interrogações	1
freqüência	1	intervalo	1
freqüenta	1	intervalos	1
freqüentado	1	intregador	1
freqüentava	1	inventava	1
freqüentei	4	irretratável	1
freqüentes	1	iscreveram	1
freqüento	3	isperando	1
fundamental	1	isperou	1
futebol	18	ispetáculo	1
gaguejava	1	itinerários	1
geladeira	1	ivolui	1
geléia	1	lamentavelmente	2
general	6	Legário	1
geração	7	lembrança	1
gerações	2	lembrasse	1
geralmente	7	lembrava	1
gerencia	2	levando	4
gerente	5	levanta	2

levantada	1	mexendo	1
levantar	6	miserável	1
levantava	1	Montenegro	2
levantei	2	Navegantes	5
levanto	1	necessário	2
levantou	7	necessidade	5
levaram	2	necessitadas	2
levava	2	necessitando	1
Liberato	1	negativa	1
liberdade	12	negociações	1
literatura	1	negociar	1
Lorenzetti	1	negócios	13
manifestaram	1	negrão	2
marceneiro	1	nervosa	3
maremotos	1	nervoso	1
matemática	6	novecentos	1
mecânico	2	novembro	1
Medeiros	2	novicentos	5
melancia	1	numeração	1
melhor	10	obedeciam	1
melhora	2	observando	1
melhoramento	1	observar	1
melhorando	1	ofegante	1
melhorar	4	ofereceram	4
melhorarem	1	ofereceu	4
melhorarmos	1	operação	1
melhorasse	1	operar	3
melhore	1	operário	2
melhorei	1	operários	2
melhores	3	operei	1
melhorou	2	ostentação	1
melodia	1	papelama	1
memoranda	1	papelaria	1
memória	3	paralelepípedo	2
Meneguetti	2	paredão	1
Menezes	1	parlamentarismo	1
menor	1	partenon	2
menores	3	pastelão	1
mensalidade	1	pecado	4
mercado	5	pedaço	1
mercadoria	2	pedagio	1
mercados	1	pedagoga	1
mercantil	1	pedagogia	1
mercearia	1	pedalar	1
Mercedes	1	pedaleira	1
mercenárias	2	pedreira	3
mercenário	4	pegamos	1
mercenários	2	pegando	1
merece	2	pegar	3
mereci	2	pegava	8
mesanino	1	peguemo	1
metade	11	pelado	1
meteram	2	Pelotas	2
metragem	1	pneumonia	1

pensamento	4	podera	1
pensamos	1	poterosíssima	1
pensando	9	poteroso	1
pensão	2	possessão	1
pensar	7	prateleira	1
pensasse	1	predomina	1
pensava	2	prefeito	7
pensavam	2	prefeitos	1
pensou	1	prefeitura	15
pequeno	5	preferem	1
pequenos	2	preferência	10
perambulando	1	preferi	1
percebe	1	preferida	2
percebeu	2	preferido	1
perdendo	2	preferível	1
perder	2	pregando	1
perderes	1	prepara	2
perdesse	1	preparação	1
perdoaria	1	preparada	1
Pereira	2	preparadas	1
permanece	1	preparados	1
permanecem	1	preparando	1
permanecer	2	preparar	3
permanecia	1	preparava	1
permanente	2	preparou	1
perpetuam	1	presente	6
perseverante	3	presentes	1
personalidade	1	preservar	2
pertence	1	pressão	3
pertencer	2	prestação	1
pertencia	1	prestações	2
pertenciam	1	prestado	1
perversa	1	prestar	2
pesada	2	prestava	2
pesadelo	1	prestavam	1
pesado	4	pretendia	1
pesava	1	pretendo	2
pescando	1	pretérito	1
pescar	2	priferi	1
pescaria	2	processador	2
pescoço	1	processadora	1
pessoa	40	professor	12
peçoal	39	professora	28
peçoalmente	1	professoras	3
peçoas	41	professores	5
Petrópolis	2	proliferar	1
piquena	12	prometer	1
piquenas	1	proteção	1
piqueno	6	proteger	1
piquenos	2	protestante	2
pisada	1	protetor	1
planejamento	2	quebrada	1
pobretão	1	quebrado	1
poder	1	quebrando	2

quebraram	1	regrediu	1
quebrou	1	relação	7
querendo	2	relacionamento	3
querer	1	relatar	1
querresse	2	relativa	1
querosene	1	relativamente	2
questão	1	relativo	3
quilometragem	1	relativos	1
rebanhão	1	relaxa	1
rebanho	2	relaxado	1
rebentei	2	relembra	1
rebocar	1	relógio	3
reboco	1	rematrículas	1
recebe	5	remédio	4
recebem	1	remédios	1
recebemos	2	remunerada	1
receber	14	Renato	1
receita	7	rendendo	1
recentemente	3	repartição	2
reclama	1	repartir	1
reclamação	1	repente	10
reclamam	1	repenti	6
reclamar	1	repertório	2
recolhe	1	repetição	1
recolheram	1	repetido	1
recolhi	1	reportagem	1
recompensa	2	repórter	4
reconhece	1	repouso	1
reconhecem	1	reproduzi	2
reconheço	1	reprovação	1
recordação	1	reprovado	1
recordações	1	reservo	1
recordo	5	resguardando	1
recorrer	2	resolve	1
recorreu	1	resolver	5
recreacionista	2	resolveu	1
recreio	1	resolvi	2
redação	2	resolvido	1
redatora	1	respeitada	1
Redenção	10	respeitado	2
Redentor	2	respeitam	2
redondeza	1	respeitar	1
refazer	1	respeitarão	1
refeições	1	respeite	1
refogado	2	respeito	7
reformado	1	respondendo	1
reformando	2	responder	3
refrescada	2	responsabilidade	2
refrescar	2	responsável	2
refrigerantes	1	resposta	2
regalia	1	restaurante	6
regalias	1	restaurantes	1
regente	1	retarda	1
regrada	2	retomar	1

retomaram	1	sessenta	13
retomei	1	setembro	8
retornamos	1	setenta	17
retornar	1	sinceramente	4
retorno	1	senhor	13
retrasada	1	senhora	18
retrasado	1	senhoria	1
retrato	1	sobrecarregado	2
revela	1	sobrimesa	1
revelações	2	sorveteria	2
revelam	2	superavam	1
revenda	1	supermercado	18
vezando	2	supetão	1
revoltado	1	supimercado	1
revoltou	2	sussegado	2
revolução	2	tabelado	1
revolver	4	tabelar	1
sebastian	1	tapeçaria	1
Sebastião	1	tecnologia	2
secar	1	telefonam	2
secava	1	telefone	10
secretaria	4	telefonei	2
segredo	1	telefonema	2
seleciona	2	telefônica	2
selecionado	1	telefonou	4
semana	28	telegrafo	1
semanas	5	telejornalismo	2
semelhante	2	televisão	39
semente	1	telhados	1
senado	2	tempera	1
senador	1	temperada	2
senadoras	1	tempero	7
senão	1	temperos	1
senhor	1	temporal	1
senhora	2	tendência	3
sensação	1	tentando	3
sentada	1	tentar	5
sentado	4	tentasse	1
sentados	1	terapia	1
sentar	1	terceira	7
sentava	1	terceiro	6
sentavam	1	Teresópolis	6
sentou	1	Terezinha	1
separa	1	terremotos	2
separou	1	terrena	1
seqüelas	1	terreno	16
serração	1	terrenos	1
serragem	1	testemunho	3
serralheria	1	tisouraria	1
serraria	1	toneladas	1
Sertório	1	transferência	1
servente	1	trepadeira	1
serventes	2	trezentos	6
sessão	2	Vanderléia	1

velório	1	verdade	9
Venâncio	1	verdadeira	2
venceram	1	verdadeiramente	1
vendedor	2	verdadeiros	1
vendendo	5	vereador	5
vender	2	vereadores	2
venderam	2	vergonha	6
vendeu	1	vergonhoso	1
veneno	5	vermelha	2
veneração	2	vermelho	1
Venezuela	1	veterinária	1
veranea	1	veterinário	1
verania	1	zelador	3
verão	5		

Vogal pretônica /o/

abandonado	1	aeronáutica	2
abobado	3	aeroporto	2
acocada	1	afogado	1
acomodada	1	aglomerado	1
acomodado	2	agronomia	1
acomodam	2	almoçar	1
acomodaram	2	almofada	2
acomodava	2	alocada	1
acomodei	2	alojamento	1
acompanha	4	anormal	2
acompanhado	2	anotações	1
acompanho	1	anteriormente	3
aconselhamos	1	apaixonada	1
acontece	5	apaixonei	1
acontecendo	3	apavorado	3
acontecer	6	apavorei	2
aconteceram	1	apavorou	1
acontecesse	1	aperfeiçoando	1
aconteceu	9	apocalipse	3
acontecia	2	apodrecer	1
acordado	1	apontar	1
acordar	1	aposentado	3
acordeão	1	aposentei	2
acuntece	2	apostolado	2
acuntecer	1	aprontando	1
acuntecia	1	aprovado	2
adevogado	1	aprovados	1
adolescência	6	aproveitam	1
adolescente	1	aproveitamento	1
adoração	2	aproveitar	3
adoraram	1	aproveitei	2
adorava	9	aprovou	1
adorei	2	apusentado	1
adotaram	1	arrombar	1
advogada	1	arrombaram	1

arrombarem	1	Colares	6
arrozeiros	1	colchão	3
arvoredo	1	coleção	1
assessorado	1	colega	6
atmosfera	1	colegas	10
atropelada	2	colegiais	1
atropelamento	1	colégio	38
atropele	1	coleguismo	1
atropelou	1	coletividade	2
automático	1	coletivo	1
automóveis	2	coloca	2
automóvel	2	colocado	2
bobagem	2	colocados	2
bobeira	1	colocar	12
bofetada	1	colocaram	8
bolacha	2	colocava	2
bolero	2	coloco	1
boletim	3	Colômbia	1
bombeiros	3	colombina	4
boneca	1	Colombo	1
bonecas	2	colônia	1
bordado	3	colonial	2
bordando	1	colorado	6
bordar	3	colorido	1
botão	1	comanda	1
botando	4	comandante	3
botar	4	comando	1
botaram	1	combate	1
botasse	2	combater	1
botava	11	começa	2
botavam	2	começamos	3
bronquero	1	começando	2
bunecas	1	começaram	3
burocrático	1	começava	1
butar	1	começo	6
butava	1	começou	5
carbonato	1	começa	1
carroceiro	1	começar	3
chocolate	4	começaram	1
chopão	1	comecei	8
choradeira	1	começo	1
chorando	2	comédia	1
chorar	3	comemora	2
chorava	1	comendador	1
chover	1	comendo	2
choveu	1	comentar	1
chuvendo	1	comentário	2
chuver	1	comentei	1
chuveu	1	comer	2
cobreria	1	comercial	5
cocada	1	comerciante	1
cocóta	1	comerciantes	2
colaboração	2	comercio	22
colado	1	companheiro	1

companhia	5	conforme	1
companhias	1	conformo	1
comparação	1	conforta	1
comparar	1	confortável	2
comparecer	1	conforto	2
compensação	1	confraternização	2
compensar	1	confronta	1
competem	1	congelar	1
competência	1	congelou	1
competi	1	congregar	1
competíamos	1	conheço	9
competitividade	1	conhece	2
complementa	1	conhecemos	1
complementação	1	conhecer	1
complementando	1	conheceram	2
complementar	2	conheceu	1
complementos	1	conheci	3
completa	2	conhecia	1
completamente	12	conhecida	2
completar	2	conhecimento	9
completas	1	consegue	6
completos	2	conseguem	1
complexo	2	consegui	3
componentes	2	conseguimos	1
comportar	2	conseguissem	1
comprado	1	conseguiu	5
comprador	2	conselheiros	1
compramos	2	conselho	3
comprando	1	consertada	1
comprar	22	consertando	1
comprava	5	consertar	1
compreende	1	consertasse	1
compreender	1	conserto	2
comprometidas	4	conservada	1
compromissado	1	consiguia	1
compromisso	2	consolados	2
comprou	1	consolar	2
comprovar	2	constrangida	1
conceição	3	contabilidade	1
concentra	1	contador	2
concessão	1	contando	1
concordam	1	contar	3
concordância	2	contato	4
concordata	2	contatos	1
concorrendo	2	contava	1
concorrer	2	contente	2
concretamento	1	contentou	1
concretizações	1	contorno	1
concreto	1	contrabando	2
condena	1	contramão	1
condensado	1	contrariar	1
condomínio	4	contrário	4
confecção	1	contratamos	1
conformava	2	contrato	4

controlado	2	cunhecem	2
controlar	6	cunhecendo	2
controle	3	cunhecer	7
convencer	1	cunheceram	1
convencido	1	cunheceu	1
convênio	1	cunheci	8
conversa	1	cunhecia	6
conversam	1	cunhecíamos	1
conversando	8	cunhecida	4
conversar	5	cunhecidas	1
conversava	1	cunhecido	5
conversei	2	cunhecimento	6
conviniente	1	cunhecimentos	2
coordenava	1	cunsegue	1
Copacabana	1	cunsegui	2
coqueiros	1	cunseguia	1
coração	6	cunsequimos	1
corado	1	cunversa	16
coragem	4	cunversando	5
coroas	1	cunversar	8
coronel	8	cunversas	1
corporal	4	cunversava	2
corredor	4	cunversei	1
corredores	2	cunverso	1
correio	3	datilografia	1
correios	1	debochando	1
correndo	5	debochar	1
correr	2	decorar	1
correria	2	decorrência	5
correspondência	2	democracia	2
correta	1	demonstradora	1
corretamente	3	demorado	1
correto	4	demoravam	1
correu	2	demorei	1
corromper	2	demorou	1
cortada	1	devolver	1
Cristóvão	1	discontar	1
cubertura	1	discontrolada	2
culégio	1	disinvolvendo	1
cumadre	1	disinvolver	1
cumeça	5	doceira	1
cumecendo	2	donativo	1
cumeçar	2	drogado	1
cumeço	4	economia	1
cumeçou	5	econômica	3
cumecei	10	econômico	2
cumendo	3	elaborado	1
cumentado	1	Eldorado	1
cumer	7	eletrodoméstico	2
cumércio	1	emoção	2
cumpadre	1	encontramos	1
cumplementar	1	escondendo	1
cunheço	14	esconder	1
cunhece	16	esconderam	1

escovar	1	homossexual	2
esforçar	1	honeroso	1
espontânea	1	honestamente	1
européia	1	honestos	1
excepcional	1	horário	9
favorecendo	1	horários	3
favorecer	1	horóscopo	1
filosofia	4	horrores	2
floresta	5	hospedou	1
Fogaça	2	hotel	3
fogão	2	ignorância	2
forçada	1	ignorante	1
formação	1	imolando	1
formada	7	imoralidade	1
formado	1	imortalidade	1
formando	1	importação	1
formar	1	importada	1
formaram	2	importado	2
formava	1	importador	1
formosa	1	importância	1
formou	2	importante	11
fortalecimento	1	impossada	1
fotografia	8	impressionante	1
fotografias	2	incomendação	1
fronteira	2	incomendam	1
fugão	1	incomendar	1
fugueira	1	incomoda	1
futugrafia	2	incomodações	2
Gandoleiro	1	incomodação	2
Garopaba	2	incomodam	1
goleiro	1	incomodando	2
goleiros	1	incomodar	2
Gonçalves	1	incomodaram	2
gostando	2	incomodava	6
gostar	2	incomodei	2
gostaram	1	incomodou	2
gostaria	7	incompetência	2
gostava	27	inconseqüente	1
gostavam	1	incontrar	4
gostávamos	1	incontrava	2
gostosa	6	incontravam	1
gostosas	1	incorpora	1
gostoso	11	incorreta	1
gostou	1	incorretamente	1
governador	2	incostamento	1
governar	1	incostar	1
governo	5	incostou	1
gozação	2	informação	1
gozado	2	informações	2
governado	1	informando	1
governador	2	ingomado	1
governo	19	inrolação	1
governos	3	inrolado	1
holofotes	2	insuportável	1

internacional	3	monopoliza	2
interrogações	1	montada	1
intocável	1	montagem	1
iscolheu	1	montão	1
iscorreaga	1	montar	1
iscover	1	Montenegro	2
isolada	1	morador	5
isolado	1	moradores	4
isolar	1	moramos	1
ispontamente	1	morando	4
ispontaneamente	1	morar	6
ispontâneo	1	morava	14
istofaria	1	morávamos	2
istufador	1	mordeu	1
istufaria	5	mordomia	1
japonês	1	morei	3
jogada	1	moremos	1
jogador	1	morena	1
jogar	2	mormão	1
jogava	1	morremos	1
jornal	4	morrendo	2
jornalismo	1	morrer	4
laboratórios	1	morreram	1
Leopoldina	1	morreu	6
Leopoldo	1	mortadela	1
localizados	1	mostrando	1
locomoção	3	motorista	4
locomove	2	mulecagem	1
locomover	3	Mustardeiro	1
Lorenzetti	1	Mustardeiros	1
lotação	2	namoando	1
lotações	1	namorada	3
lotada	1	namorado	4
lotado	1	namoramos	2
lotava	1	namorando	1
loteria	1	namorar	3
maconheiro	1	namorava	3
maionese	1	namororar	1
maloqueiro	2	noção	2
melhorando	2	nocaute	1
melhorar	2	nomiação	1
melhorarem	1	nomiado	1
melhorarmos	1	Nonoai	2
melhorasse	1	nordeste	4
melhorou	3	nordestina	1
microfone	5	nordestino	2
mocotó	4	normalmente	8
modelo	1	notava	1
moderna	1	novecentos	1
modernas	1	novela	31
molhado	1	novelas	3
molhar	1	novembro	5
momento	6	novena	1
momentos	1	noventa	14

novicentos	3	picolé	1
obedeciam	1	pobretão	1
obediente	2	pobreza	2
objetivo	1	podava	1
objeto	2	poder	1
objetos	1	poderá	1
observam	1	poderes	1
observando	1	poderia	2
observar	1	poderosíssima	1
observo	1	poderoso	1
ocorre	2	polenta	1
ocorrência	2	polonês	2
ocorria	1	polonesa	2
odontologia	3	pontada	2
ofegante	1	portão	2
ofereceram	1	porcaria	3
ofereceu	2	pornográfico	2
olaria	1	pornográficos	2
olhada	1	portanto	1
olhando	7	portaria	1
olhar	2	porteiro	2
olhava	1	possessão	1
opções	1	possessiva	1
opção	1	posteriormente	1
operação	1	povão	1
operar	3	problema	37
operário	1	problemas	13
operários	2	procedimento	1
operei	1	processador	2
oportunidade	6	processadora	1
oportunidades	2	processo	3
opositor	1	professor	12
oposto	1	professora	27
orçamentista	1	professoras	3
orçamento	2	professores	6
oração	3	profeta	2
orégano	1	profetas	1
Orfeu	3	programa	8
órgão	1	programação	2
organiza	2	programando	1
organização	1	programas	7
organizado	3	progrediu	2
organizava	1	progresso	2
orquestra	2	progridiu	1
Oscar	2	projeto	2
ostentação	1	projetos	1
Osvaldo	1	prolonga	1
Otávio	1	promessa	6
ovelha	1	promete	1
Parobé	3	prometer	1
personalidade	1	promitido	1
pessoal	1	promoções	2
pessoalmente	1	promoções	4
pessoas	1	propaganda	4

propagando	1	rocambole	1
proporcionar	1	rodando	1
Protásio	4	rodar	2
proteção	1	rodaram	1
protege	1	rodarem	1
proteger	1	rodelinha	1
protestante	3	Rodolfo	1
protesto	1	rodoviária	3
protetor	1	romance	4
provável	1	romanos	1
provento	1	romântico	1
provoca	1	Rondônia	3
provou	1	Roraima	1
psicologia	1	Rosane	1
puder	1	Rosário	5
purcento	12	sabonete	1
querosene	1	sobrando	3
quilometragem	1	sobrava	1
acionamento	1	sobrecarregado	1
rebocar	1	sobrevivência	3
recolheram	1	sobreviver	2
recompensa	2	sobrimesa	1
reconheço	1	Socorro	2
reconhece	1	sofrendo	3
reconhecem	1	sofreram	1
recordação	1	sofreu	2
recordações	1	soldado	3
recorrer	2	solteira	1
recorreu	1	solteirão	1
redondeza	1	solteiro	2
refogado	2	solteirona	1
reformada	1	soprando	1
reformado	1	sortiado	1
reformando	1	sorveteria	3
refugado	1	subrevivência	1
relacionamento	2	subvivência	1
renovar	1	sufocado	1
reportagem	1	suportar	1
reprovação	1	sussegado	2
reprovado	1	sussego	1
resolve	1	sutaque	6
resolver	4	tecnologia	2
resolveu	1	telefonei	1
respondendo	1	telefonema	1
responder	2	telefonou	2
responsabilidade	2	temporal	1
retomar	1	tocando	2
retomaram	1	tocar	1
retornamos	1	tocava	2
retornar	1	tomando	3
retornei	1	tomar	4
revoltado	1	tomaram	1
revoltou	2	tomasse	1
Roberto	7	tomate	9

tomava	1	trombose	1
toneladas	2	tumate	1
torcer	2	vergonhoso	1
torneio	2	vocabulário	1
torneios	1	voltada	3
total	3	voltado	1
totalmente	6	voltamos	1
transbordou	1	voltar	1
transformação	1	voltava	2
trocaram	3	vontade	23
trocava	2	votamos	1
trocavam	1	votaria	1
troféu	1	votei	1